



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SABRINA ARAÚJO SOBRAL LIMA

**LUGARES DE HISTÓRIA, LUGARES DE MEMÓRIA, LUGARES DE LUTA: A
CONSTRUÇÃO SOCIAL DA HISTÓRIA DE MARGARIDA MARIA ALVES SOB
EFEITOS DE APAGAMENTO, ESQUECIMENTO E SILENCIAMENTO EM
ALAGOA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE

2023

SABRINA ARAÚJO SOBRAL LIMA

**LUGARES DE HISTÓRIA, LUGARES DE MEMÓRIA, LUGARES DE LUTA: A
CONSTRUÇÃO SOCIAL DA HISTÓRIA DE MARGARIDA MARIA ALVES SOB
EFEITOS DE APAGAMENTO, ESQUECIMENTO E SILENCIAMENTO EM
ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande, como
pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada
em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. José Gabriel Silveira Corrêa

CAMPINA GRANDE

2023

L7321

Lima, Sabrina Araújo Sobral.

Lugares de história, lugares de memória, lugares de luta: a construção social da história de Margarida Maria Alves sob efeitos de apagamento, esquecimento e silenciamento em Alagoa Grande-PB / Sabrina Araújo Sobral Lima. – Campina Grande, 2024.

86 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa".

Referências.

1. Margarida Maria Alves – História e Memória. 2. História Local. 3. Museu Margarida Maria Alves – Alagoa Grande-PB. 4. História Social. 5. Alves, Margarida Maria, 1933-1983. I. Corrêa, José Gabriel Silveira. II. Título.

CDU 930.85(043)

SABRINA ARAÚJO SOBRAL LIMA

**LUGARES DE HISTÓRIA, LUGARES DE MEMÓRIA, LUGARES DE LUTA: A
CONSTRUÇÃO SOCIAL DA HISTÓRIA DE MARGARIDA MARIA ALVES SOB
EFEITOS DE APAGAMENTO, ESQUECIMENTO E SILENCIAMENTO EM
ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande, como
pré-requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa

Aprovada em _____ / _____ / _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa (UFCG) (Orientador)

Prof. Dra. Mércia Batista (UFCG)

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva (UFCG)

CAMPINA GRANDE

2023

Dedico este trabalho à memória de Margarida Maria Alves (1933-1983).

AGRADECIMENTOS

À Isabel Sobral, minha mãe, minha professora, minha pessoa no mundo e maior inspiração, quem me deu chão e que me faz criar asas.

À Breno Sobral, semente de ternura, gentileza e espontaneidade que cresce a cada dia, que se espalha mesmo à distância, e que tem o poder de trazer o que há de melhor naqueles que o rodeiam.

À Karolayne Barbosa Evangelista, *in memoriam*, por me ensinar a viver no agora, por valorizar as relações humanas no que elas têm de mais simples e essencial, e pela existência de conexões fortes o suficiente para irem além da vida, das adversidades e do que independe de nós.

À Ana Kaylane e Larissa Cândida, amigas-irmãs, que me apresentam a mágica do cotidiano, que são fontes das mais verdadeiras risadas, e de uma vulnerabilidade compartilhada, sentida em absoluta tranquilidade.

À Gabriel Monteiro, Daniel Barros, Vitória Tomé e Itagiba Neto, amigos e companheiros de curso que são capazes de atribuir significado às coisas essencialmente racionais, que deram sentido, corpo e gosto à experiência da graduação.

A todos os amigos que compartilho a vida para além da academia, como Lauanda Albuquerque, Pedro Arruda, Michelly Araújo, entre vários outros que, ao nutrir comigo relações de afinidade, respeito, admiração e sinceridade, fazem de mim um ser humano melhor, cujo sentido da vida se encontra, muitas vezes, no simples porém extraordinário partilhamento de experiências.

Ao IFPB, que me proporcionou o primeiro contato com as múltiplas realidades deste mundo, e também com a sociologia, que me deu a inquietação permanente de querer entender o que fazem as coisas serem ser como elas são, e os porquês que existem nas entrelinhas de cada fenômeno. Isso sem dúvidas me levou a escolher a carreira de cientista social.

Ao PET Antropologia, por oferecer vivências tão recheadas em teoria quanto em prática, sem deixar de lado a riqueza de nutrir coletividades, conexões e relações. Estendo os aprendizados, compartilhamento de conhecimentos, e conversas

enriquecedoras resultantes também do com o tutor durante todos os meus 4 anos de PET Antropologia, Vanderlan Silva, que tem em sua prática docente uma admirável demonstração de paixão e dedicação.

Ao meu orientador Gabriel Corrêa, que me ajudou desde o primeiro momento, que enxergou nas minhas perguntas um espaço de crescimento e de autonomia intelectual. Suas palavras gentis de apoio e de reflexão geraram em mim inspiração e coragem para enxergar infortúnios que podem se transformar em oportunidades, descobertas e formas de ocupar espaços.

Aos professores do curso de Ciências Sociais da UFCG como um todo, que lidam com o processo coletivo e individual de apresentar as visões da sociologia, da antropologia e da política para estudantes que gradativamente devem adquirir e desenvolver ferramentas de análise do mundo social, interesses de pesquisa e especialidades de ensino, estudantes estes que vêm de vários lugares, são dotados de experiências, referências e histórias de vida diversos. Essa profissão, cujos desafios e características representam para mim um esforço constante de humanidade, gentileza e comunicação, me ensinou durante toda a graduação o poder que as pessoas têm de tocar e de influenciar umas às outras. Os nossos estudos envolvem necessariamente pessoas, e não há nada mais difícil e extraordinário. Portanto, pelas influências, inspirações, lições e lembranças, o meu muito obrigada.

Aos professores da banca de defesa, Vanderlan Silva e Mércia Batista, pelo seu esforço, disponibilidade e aceitação em avaliar o meu trabalho, direciono meus sinceros agradecimentos, respeito e admiração.

À todos os alagoandenses que, assim como eu, alçam vôos a diferentes lugares, que fazem do pertencimento algo relativo e em constante mudança, mas que, ao lembrar das simbologias e significados que envolvem os termos “casa”, “pertencimento” e “origem”, não deixam de associá-las a esta terra rodeada de montanhas, histórias e afetos.

Temos procurado nos salvar mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua textura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios. Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível. [...] Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. [...] Temos sorrido em público do que não sorriríamos quando ficássemos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória de cada dia.

(Extraído de Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres, de Clarice Lispector)

RESUMO

Este trabalho tematiza sobre a trajetória de Margarida Maria Alves - líder sindical assassinada em 1984 na cidade de Alagoa Grande – PB -, e a apropriação de sua história e trajetória pelos moradores de sua cidade. Para isso, utilizamos de algumas estratégias de pesquisa, a saber: levantamento bibliográfico, pesquisa etnográfica na cidade, e especificamente a análise da organização dos museus (Casa Margarida Maria Alves e Memorial Jackson do Pandeiro), através de seus objetos, distribuição física e percepção de funcionários e visitantes desta história. A apropriação cotidiana das trajetórias de Margarida Alves e Jackson do Pandeiro nestes espaços permite explorar como os moradores de Alagoa Grande percebem ou não sua história, memórias, falas e silêncios, e a própria produção social dessas histórias. Através da pesquisa e das discussões teóricas, procuramos explorar analiticamente os processos de esquecimento de sua história, apagamento de suas heranças culturais, políticas, históricas e patrimoniais largamente reconhecidas, e de silenciamento de sua atuação no lugar onde nasceu e morreu, percebido em vários âmbitos de seu dia-a-dia.

Palavras-chave: Margarida Maria Alves; memória; história local; museu; Alagoa Grande.

ABSTRACT

This work focuses on the trajectory of Margarida Maria Alves - a labor leader assassinated in 1984 in the city of Alagoa Grande, PB - and the appropriation of her history and trajectory by the residents of her city. To do this, we used some research strategies, namely: bibliographic research, ethnographic research in the city, and specifically the analysis of the organization of museums (Casa Margarida Maria Alves and Memorial Jackson do Pandeiro), through their objects, physical distribution, and the perception of employees and visitors of this history. The everyday appropriation of the trajectories of Margarida Alves and Jackson do Pandeiro in these spaces allows us to explore how the residents of Alagoa Grande perceive or not their history, memories, speeches, and silences, and the social production of these stories. Through research and theoretical discussions, we seek to analytically explore the processes of forgetting her history, erasure of her widely recognized cultural, political, historical, and heritage legacies, and silencing of her actions in the place where she was born and died, perceived in various aspects of her daily life.

Keywords:

Margarida Maria Alves; memory; local history; museum; Alagoa Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Descrição geral de Alagoa Grande	página 32
Figura 2: Hino e características da cidade	página 32
Figura 3: Aba de turismo com descrições das atividades	página 33
Figura 4: Informações básicas sobre a vida e a trajetória de Margarida	página 34
Figura 5: Mapa da Paraíba, com cidades de João Pessoa, Campina Grande e Alagoa Grande	página 48
Figura 6: Fachada do museu Casa Margarida Maria Alves	página 49
Figura 7: Croqui da casa de Margarida Alves	página 50
Figura 8: Garrafa de plástico da Marcha das Margaridas e acessórios	página 52
Figura 9: Expositor com jornais que noticiaram a morte de Margarida	página 54
Figura 10: Fachada do Memorial Jackson do Pandeiro	página 56
Figura 11: Croqui do Memorial Jackson do Pandeiro	página 58
Figura 12: Instrumentos de Jackson do Pandeiro	página 59
Figura 13: Vestimentas e acessórios relacionados a Jackson do Pandeiro	página 60
Figura 14: Mapa de Alagoa Grande, ilustrando os museus	página 66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PERCURSO DE PESQUISA.....	18
1. O DESCONHECIMENTO DA HISTÓRIA: NARRATIVAS LOCAIS AUSENTES E A MEMÓRIA DE MARGARIDA ALVES.....	21
2. CIRCUNSTANCIAR O APAGAMENTO: MUSEU CASA MARGARIDA MARIA ALVES, MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO E NARRATIVAS ANTROPOLÓGICAS.....	42
2.1. MUSEU CASA MARGARIDA MARIA ALVES.....	49
2.2. MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO.....	55
2.3. LUGARES DE MEMÓRIA, LUGARES DE HISTÓRIA, LUGARES DE LUTA: ANÁLISE DE DADOS E INQUIETAÇÕES PERMANENTES.....	62
3. ROMPENDO PACTOS COM O SILENCIAMENTO: MARGARIDA, PRESENTE!.....	67
3.1. VOZES DO SILÊNCIO.....	71
3.2. SEMENTES DE LUTA.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85

INTRODUÇÃO

Faz parte do senso comum dos antropólogos a ideia de que, ao estudarmos nossas sociedades, a tarefa principal é estranhar nosso cotidiano, nossas relações, os pensamentos e valores com os quais mantemos uma relação de familiaridade.

(José Reginaldo Santos Gonçalves)

Este trabalho é fruto de um estranhamento ao meu lugar de origem, de curiosidades surgidas frente à percepção de desconhecimentos sobre uma história local, bem como do amadurecimento de interesses de pesquisa. Foi apenas ao iniciar a graduação em Ciências Sociais na modalidade de Licenciatura que tais questões afloraram, despertando também um processo pessoal de afinidade com a temática e a trajetória percorrida ao transformar e significar minhas questões concomitantemente à definição de um objeto de estudo.

Margarida Maria Alves surgiu como uma expressão forte e rica das histórias que atravessam Alagoa Grande e das quais eu tinha pouco domínio. Logo a tomei como uma figura representativa importante, contudo, poucas lembranças e informações eu tinha na memória sobre ela de fato. Ao me dar conta da relevância de sua trajetória, fui invadida por um crescente incômodo em perceber certa ignorância acerca dos acontecimentos que constituíram a cidade. Para além do pouco conhecimento individual, ficava a questão sobre o motivo que poderia ou não levar as pessoas da cidade a não falarem e não saberem muito sobre Margarida e sua história.

Como já citado, a percepção do pouco que eu mesma sabia tanto sobre Margarida quanto sobre Jackson do Pandeiro, figuras nascidas que viveram no município e que são conhecidas e reconhecidas não só no estado paraibano, mas nacionalmente, se apresentou como uma lacuna a ser preenchida. A partir disso, iniciei uma trajetória de leituras e conversas buscando acima de tudo entender as condições que envolvem a construção social da memória e o conhecimento sobre a história local, envolvendo dimensões que refletiram também sobre patrimônio e museus, e sobre o papel da educação nesse processo de reconhecimento e de valorização de trajetórias, figuras e narrativas situadas em lugares próximos e familiares.

Em todo o processo de busca por escritos e referências que abordassem a referida temática, foi se delineando uma das maiores dificuldades que marcam o

desenvolvimento do trabalho: o permear de um silêncio e uma falta de aprofundamento nas questões que perpassam a atuação política, o crime perverso que vitimou Margarida Alves, a violência e a impunidade judicial que paira até o presente quando se menciona ela. Ao buscar perscrutar mais leituras e desenvolver o objeto de pesquisa, também fui desafiada a ir além das informações fragmentadas e de difícil acesso que nos contam nesta história.

As brechas que motivaram e deram corpo à investigação buscam elucidar os motivos pelos quais a cidade de Alagoa Grande - no caso, o coletivo de pessoas que vive e se reconhece como referida a este lugar - parece não levar adiante as heranças deixadas pela trajetória dessa mulher que ousou ir contra os interesses dos poderosos para defender os direitos dos trabalhadores do campo, flagelados e explorados diante da expansão indiscriminada da produção de bens e produtos ligados às atividades do plantio e beneficiamento da cana de açúcar, e os efeitos decorrentes disso nos trabalhadores¹.

Os fragmentos reunidos com o passar do tempo levaram a busca de um reescrever que é reconstitutivo, detalhado e enraizado, dando espaço para diversas questões silenciadas e talvez ainda pouco exploradas em nosso universo das Ciências Sociais. A trajetória de Margarida revela questões políticas, econômicas, de gênero, classe e raça; além de elementos presentes ainda hoje no cenário brasileiro, de violências e questões que se reproduzem, mantendo presentes desigualdades seculares.

Tendo crescido em um contexto familiar marcado por influências e referências majoritariamente femininas, Margarida passou a significar, em nível pessoal, um símbolo de representação excepcional que, para além do individual, da construção de uma memória coletiva que inscreve seu nome no combate à violência contra mulheres do campo, das florestas, denunciando injustiças e reivindicando direitos para diversas minorias. Enfim, ela incorpora um símbolo público inspirador na luta por direitos, sendo uma mulher, um corpo, uma voz cuja história de vida se apresentou excepcional num contexto adverso, patriarcal, elitizado e repressivo.

¹ A literatura tratando da exploração dos trabalhadores nos engenhos é longa, ampla e variada. Podemos nos remeter desde os romances de José Lins do Rego, ao “depoimento” crítico de Francisco Julião “Cambão” até a trabalhos como de Afrânio Garcia Júnior “Sul, o caminho do roçado” e José Sérgio Leite Lopes, “O Vapor do Diabo”.

A violência política de gênero, bem como o feminicídio político cometido² à atuação da líder na luta pelos direitos dos trabalhadores demonstram tanto as conquistas que ela alcançou na presidência do Sindicato, quanto tamanha atrocidade atribuída pela elite dos senhores de engenho e políticos paraibanos. A dificuldade de tratar esse tema parece se justificar, em parte, nos estigmas e violências que ele carrega constituindo uma realidade próxima, recente e, pior, ainda muito recorrente no Brasil.

Ao desenvolvimento deste trabalho estão atrelados questionamentos que me levaram a pesquisar Margarida, questionamentos que apareceram logo ao me debruçar sobre as diferentes produções acadêmicas e, em alguma medida, os paradigmas evocados para definir e delimitar ideias. As perguntas mais recorrentes foram: como construir um tema com discussões pouco desenvolvidas (ou pouco claras, socialmente falando)? Como trazer à tona questionamentos que parecem - na perspectiva de uma pessoa mais jovem ao ver uma série de violências que não são combatidas e, até visivelmente ignoradas - ter sido jogadas para debaixo do tapete? Por que não tratamos³ localmente uma mulher trabalhadora, mãe, preta e líder política com a importância que os movimentos sociais criados em sua homenagem e com as lutas que ela inspirou Brasil a fora a tratam? Chamou e chama a atenção um movimento de normalizar estas questões, tratadas como fenômenos episódicos, isolados e não como recorrências frequentes, tais como as notícias de morte de mulheres tomadas como eventos singulares, sendo mais recentemente percebidas no que se tem tentado estabelecer como padrão denominado feminicídio.

Proponho aproximar o contraste entre a Margarida do passado, que conquistou grande respeito e admiração entre seus colegas líderes sindicais, camponeses e

² Existe um esforço mais recente de tentar se conceituar a prática recorrente de ameaçar, agredir e mesmo silenciar representantes políticas, com o termo *violência política de gênero*. Tais referenciais aparecem ligadas a lei de combate a violência política e pensando a questão de gênero, presentes em reportagens como:

https://www.violenciapolitica.org/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiAjfyqBhAsEiwA-UdzJHWoxOW97CEPAsL4XT44J2TlqQw-y5BTGLFn5GmTl2SsetbPJKlikxoC19cQAvD_BwE

<https://pp.nexojornal.com.br/bibliografia-basica/2023/02/27/Viol%C3%Aancia-pol%C3%ADtica-de-g%C3%AAnero-conceitualiza%C3%A7%C3%A3o-e-tipifica%C3%A7%C3%B5es>. Em cartilhas do

ministério público:
https://www.mpf.mp.br/pge/institucional/gt-violencia-de-genero/publicacoes/cartilhas-guias-e-roteiros/Eleitoral_Campanha_Mulheres_na_Politica_Cartilha.pdf

https://aplicacao.mpmg.mp.br/ouvidoria/CARTILHA_VIOLENCIA_GENERO.pdf, e especificamente nos esforços de pesquisadoras como Marlise Matos.

³ O texto em grande parte utiliza a primeira pessoa do singular em sua escrita, para sinalizar ideias, questões e percursos da autora na formulação da pesquisa. Em alguns momentos é utilizado a primeira pessoa do plural para referir-se a autora ser parte dos nascidos em Alagoa Grande e em outros momentos referindo-se ao movimento de pesquisas e discussões feitas em conjunto com o orientador.

trabalhadores, uma líder reconhecida pela influência e pelas ações que exerceu enquanto defensora de direitos, enquanto mulher que enfrentou estruturas constituídas por injustiças agudas, que foi alvo de um assassinato fonte de revolta e grande perda, e a Margarida do presente, que sobrevive através da história e do seu legado, citada pelas pessoas da sua cidade, cidadãos que podem expressar concepções e discursos diversos sobre sua vida e morte.

Enquanto amadurecimento de questões acadêmicas e pessoais, este trabalho exigiu o contato com diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas, de forma a relacionar elementos e construir pontes para pensar não só a trajetória de Margarida e a representação que ela possui em sua cidade de origem, mas também os discursos e tratamentos direcionados às histórias locais como um todo, bem como às figuras que compõem a vida cultural e as atividades de turismo nos municípios. O reunir e analisar materiais para construção das questões de pesquisa e de argumentação configuraram processo imprescindível na delimitação e ao propor problemáticas atuais e latentes.

Os trabalhos e produções relacionados à Margarida se desdobram nas áreas de história, educação, estudos agrários, movimentos sindicais, sociais e sociologia. As principais temáticas abordadas discutem direitos humanos, trajetória sindical, Marcha das Margaridas, estudos rurais e de gênero, práticas educativas, educação patrimonial, entre outros. É possível perceber uma dispersão interdisciplinar importante, que acarreta, por outro lado, a abertura de pesquisas e produções na área de ciências sociais, incluindo mais análises antropológicas e sociológicas.

Certos incômodos gerados pela falta de questionamentos mais aprofundados inspiram a discussão da importância de Margarida na própria cidade, com embasamento em análises de espaços direcionados a homenageá-la, como o museu, e demais elementos a serem relacionados, a exemplo de como a história é contada, as narrativas que podemos compreender da exposição de objetos no museu, e a violência política que paira sobre o silêncio e sobre a ausência de memórias de Margarida nesse espaço. É relevante e significativo temas acadêmicos que tratam e reverberam as dificuldades e problemas enfrentados pela sociedade em que vivem no presente, mas isto também impõe percalços no caminho. Violências, desigualdades e lutas ainda em curso constroem barreiras e podem não demonstrar cooperação quando nós, pesquisadoras e pesquisadores, tentam adentrar e explorar tais universos.

E, para além disso, é pertinente destacar a aparente tendência de temas como esse serem tratados majoritariamente por mulheres e defendidos por mulheres. Constituí, assim, um espaço de fala legítimo, em que falamos por nós mesmas, mas é importante a ampliação de um debate que possa alcançar e mobilizar diferentes grupos, movimentos sociais e esferas políticas, como também a sociedade em geral.

O assassinato de Margarida, no século passado, encontrou formas de se reproduzir em diversas violências, e de alguma maneira parece culminar no crime que chocou todo o país (e o mundo) no ano de 2018, quando a vereadora, ativista e socióloga carioca Marielle Franco também teve sua vida roubada ao atuar no combate a violências estruturais como o racismo, o sexismo, a LGBTQIAP+fobia, a pobreza e a miséria. Ficou mais uma vez escancarada a terrível realidade dos riscos e violências seríssimos direcionados à integridade dos que lutam por direitos humanos – num sentido abrangente – no Brasil.

Assim como Marielle foi martirizada, antes dela Margarida também foi. Deu o nome para a Marcha das Margaridas - que acontece a cada dois anos -, e alcança o marco da sétima edição no ano de 2023, reunindo cerca de 100 mil pessoas para o maior ato político de mulheres em toda a América Latina, indo à luta na defesa de direitos e necessidades para o bem viver das mulheres do campo, das águas e das florestas. Na data em é comemorado o dia das mulheres, no dia do combate à violência do campo e pela reforma agrária, e nas demais discussões sobre mulheres importantes na história do país, Margarida aparece como símbolo e representante. Sua influência está viva e se mantém nesses espaços, e suas heranças ainda se espalham nas redes sociais, em protestos, movimentos e discussões focalizadas em pessoas que deram a vida para lutar por alguma causa.

Por isso, enquanto conterrânea, mulher feminista e cientista social, me causa tanta estranheza e desconformidade o espaço vazio no qual essa líder ocupa em Alagoa Grande, seja no imaginário social, em iniciativas públicas de eventos, em homenagens nas escolas, na vida cultural local como um todo, e até mesmo nas imediações da cidade.

Apresenta-se assim a hipótese desenvolvida nesta pesquisa, de que nesse contexto local, existem indícios de diferentes efeitos envolvendo esquecimentos, desconhecimentos e apagamentos em relação à Margarida, construído através do tempo,

com início desconhecido, tendo em vista a revolta dos trabalhadores, da igreja e da população quando o crime acometeu a cidade. Pensar e procurar tratar da valorização do patrimônio dessa pessoa, sua história e trajetória, assim como os silêncios que marcam a memória local envolve o incentivo à cidadania e à democracia, à valorização da cultura, bem como as formas nas quais enquanto sociedade se pensa a memória e a história, e como isso se passa adiante num mundo cada vez mais rápido e conectado. A antropologia surge, então, como um reivindicar do explorar e detalhar questões que nos perpassam, que nos são impostas sem devidas explicações, e de tudo aquilo que acreditamos não poder aceitar.

PERCURSO DE PESQUISA

Ao longo de todo o percurso narrativo desse trabalho, procuramos esmiuçar os instrumentos, métodos e alternativas escolhidos para estudar Margarida Maria Alves, apresentando os limites encontrados no campo, e a pesquisa gradativa e acumulada realizada já a partir de meados da graduação. Diante do desafio de buscar entender como a história de Margarida era contada ou não e dos limites práticos de realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica - mas com restrições de ter sido realizada com os períodos e atividades de graduação - procuramos diferentes formas de tentar reconstruir a história e suas percepções.

Na aproximação, além de inserções pontuais de pesquisa no cotidiano das pessoas de Alagoa Grande, realizamos a revisão bibliográfica, com um levantamento de textos e livros que se relacionam tanto a Margarida em si, quanto a aspectos históricos, políticos, econômicos e patrimoniais que enriquecem o tema - história de Alagoa Grande, lutas sindicais na Paraíba e no nordeste, museus e educação patrimonial, entre outros. Nesse sentido, a bibliografia serviu não só para preencher uma impossibilidade de presença constante na cidade - condicionada pelas demandas e compromissos da graduação, como o Estágio Supervisionado e a atribuição de bolsista no PET Antropologia da UFCG -, como também para estudar a bagagem histórica por trás do tema, e para não embasar o trabalho somente nas falas das pessoas que lá vivem. Falas que, no caso, foram poucas e restritas, pois as pessoas não facilmente, não em qualquer lugar, momento ou circunstância falam sobre Margarida.

O texto é organizado por três capítulos que pretendem oferecer a compreensão e o diálogo entre a ordem e as etapas de pesquisa, discorrendo, no primeiro capítulo, intitulado *O desconhecimento da história: narrativas locais ausentes e a história de Margarida Alves*, a construção do tema e da literatura acessada, explorando as hipóteses que guiaram a pesquisa e a escrita, também tecendo as primeiras considerações sobre as possibilidades de constituição de uma memória local, e de como se lida com ela. Para acessar informações sobre Margarida, investiguei produções históricas, artigos e teses acadêmicas, o site da prefeitura municipal de Alagoa Grande, e acabei fazendo dos museus os lugares de memória a serem melhor investigados para entender como a história é pensada e contada.

O segundo capítulo é justamente formado pelos esforços de tentar compreender as histórias *in loco*, a saber, os museus existentes em Alagoa Grande, contando com descrições e análises dos espaços e objetos, cujo título é *Circunstanciar o apagamento: museu Casa Margarida Maria Alves, Memorial Jackson do Pandeiro e narrativas antropológicas*. Ao comparar os museus, percebemos diferenças, semelhanças e contradições, com contribuições teóricas do campo antropológico e patrimonial.

Por fim, o terceiro e último capítulo, *Rompendo pactos com o silêncio: Margarida, presente!*, é composto por uma reflexão mais detida sobre não ditos, sobre o contexto maior recorrente e latente que envolve a violência e o silenciamento de Margarida na cidade, e a relação que a violência pode ter com a manutenção da não memória, da não história, e o conjunto de hipóteses que chama a atenção para a não valorização dessas narrativas. Deixamos claro os limites da pesquisa realizada como uma forma de expressar a importância e necessidade de uma investigação mais aprofundada e que consiga estabelecer um diálogo com as pessoas.

Procurei ao mesmo tempo que desenvolvi a pesquisa e os temas de interesse, refletir sobre as possibilidades, limites e condicionantes do texto, tentando potencializar a reflexividade e a crítica deste fazer diante dos desafios de compreender uma história e suas variações, quase nunca enunciadas por aqueles que em Alagoa Grande vivem e viveram. Isso se reflete no uso variado de possibilidades, múltiplas fontes bibliográficas; diferentes atores e cenários como interlocutores e diferentes leituras para este vazio cotidiano, com o aporte da antropologia dialogando com história

(antropologia histórica⁴), e diferentes aproximações com ideias envolvendo patrimônio e memória.

Assim me parece que o trabalho procurou aproximar com diferentes tradições da antropologia, sociologia e história⁵, para produzir uma investigação sobre uma trajetória importante, seu contexto social, conflitos e tensões - reverberando na história, na educação, no patrimônio locais - e para isso não ficou restrito a um diálogo limitado a etnografia, por mais potencial que veja nesse modo de fazer antropológico.

⁴ Nas últimas décadas, o diálogo entre as disciplinas Antropologia e História, tem produzido além de trabalhos inventivos e interessantes, uma aposta na potencialidade dessa conversa. Dentre vários autores que vimos durante o curso e que apostam nessa possibilidade estão Max Gluckman (2010), Marshall Sahlins (1990), Eric Wolf (2005), Jean e John L. Comaroff (2010) e João Pacheco de Oliveira (1988).

⁵ Penso aqui especificamente autores como Michael Pollak (1989; 1992; 2010), James Clifford (2009), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Francisco Julião (2009; 2013), Jacques Revel (1989), Ana Paula Romão (2010; 2017), entre outros.

1. O DESCONHECIMENTO DA HISTÓRIA: NARRATIVAS LOCAIS AUSENTES E A MEMÓRIA DE MARGARIDA ALVES

“A gente só tem orgulho do que a gente sabe”

(Fala retirada de entrevista realizada com uma professora alagoa-grandense sobre o ensino das trajetórias de Margarida e Jackson do Pandeiro nas escolas)

Margarida, este nome aqui que será tantas vezes repetido, produziu de forma crescente na estudante de graduação interesses que atravessam saberes, barreiras, sentimentos e representações. Visto que parte deste trabalho se dedica a também refletir sobre a trajetória de desenvolvimento da pesquisa, as etapas a serem discutidas desse processo acompanham também um esforço de ir atrás da história, de busca por fontes de informações, de leituras, assim como de conversas que ajudaram a delimitar os objetivos e possibilidades no campo.

A proposição dessa estratégia de narrativa nos permite, de maneira construtiva, explicitar a trajetória da pesquisa (percurso, efeitos e desdobramentos), corporificar as conexões entre os capítulos, entender os dados obtidos, e expor as dificuldades encontradas no caminho, que não parecem existir ao acaso.

Avançando no curso, sempre fui levada às voltas no tempo, no querer entender como Alagoa Grande pensa uma figura histórica e política importante, como conta sua história e os silêncios que pairam no ar. Foi assim que várias disciplinas e trabalhos foram dedicados a tratar de Margarida Alves, com diversos enfoques e discussões.

No terceiro período da graduação, a inquietação de pesquisar as influências culturais presentes na cidade de Alagoa Grande, lugar no qual cresci, culminou também na iniciação ao trabalho de campo e à construção de objetos de estudo no âmbito acadêmico. A disciplina de Métodos Qualitativos, componente obrigatório do currículo da UFCG, explorou diferentes metodologias de pesquisa e as formas de aplicá-las, a depender das questões que movem cada estudo. Ao imaginar possíveis aspirações de pesquisa, objetivei algo que me despertasse interesse e que, ao mesmo tempo, estivesse próximo da minha realidade, para que pudesse buscar aquilo que não sabia, e investigar empiricamente o que já tinha por comum e familiar.

Os pressupostos implícitos no direcionamento à educação incluem, para além de uma afinidade pessoal com esse domínio e uma formação especificamente direcionada ao ensino, um desejo de investigar se o cenário no qual vivenciei, durante a infância e a adolescência, caracterizado por uma ausência de estímulos e ligação com quaisquer elementos históricos e se encontraria respaldo empiricamente e nos dias atuais.

Neste primeiro momento, relatei mais de uma figura histórica local - Jackson do Pandeiro e Margarida Alves -, e como estas poderiam se inserir no cotidiano da cidade e na construção de um sentimento de pertencimento, de forma a valorizar e manter vivas as histórias e a importância de tais figuras para os cidadãos. Para isso, tomei o espaço escolar como um dos principais veículos de transmissão de histórias, costumes e tradições sociais, tendo em vista, ou mesmo projetando-o como o lugar que comumente se passa adiante conhecimentos históricos formadores de um imaginário social tanto local quanto nacional.

Visto que a disciplina em questão explorava metodologias de pesquisa, além de conversas prévias e posteriores, realizei entrevistas semiestruturadas com duas professoras de escolas públicas da cidade, constatando como resultado que o ensino básico local não é estimulado oficialmente a estudar sobre suas figuras históricas, ficando a cargo de cada professor o incentivo ao conhecimento da história do município.

Em outras palavras, o aprendizado da história local nas escolas não conta com planejamento definido, acontecendo de forma não prevista, gerando a situação na qual depende de iniciativas pessoais e independentes dos docentes. A questão da educação se situa numa análise que, em adição à revisão bibliográfica inicial, contou durante toda a pesquisa com uma sondagem recorrente de como a cidade expressa a existência de Margarida em vários sentidos, incluindo a transmissão de informações de forma oral, e o papel das escolas no incentivo à visita dos museus e dos saberes que envolvem as histórias e figuras relevantes.

Em conversas com uma professora, também durante as observações que envolvem o presente estudo, descobrimos a ocasião do ano escolar que geralmente promove eventos e atividades envolvendo a história, as figuras importantes e também a visita aos museus da cidade, concentrando-se no

período referente ao aniversário da emancipação política, em meados do mês de outubro. Além disso, nos meses de julho a setembro também acontece o evento cultural anual realizado pelo governo do Estado, Caminhos do Frio⁶, que atrai visitantes, envolve festas, apresentações de grupos, venda de produtos locais, entre outras atividades de cunho cultural, turístico, gastronômico e educacional.

A percepção de importância das figuras da história - que motivou minha curiosidade inicial - evidenciou certa indiferença local à trajetória da sindicalista e do músico em contraste de como cidades próximas lidam com sua memória⁷. Assim, a análise inicial toma a dimensão educacional como espaço de possibilidade ou resultante de outros fatores que acabam produzindo essa ausência de aprendizado e, portanto, não define necessariamente a situação que busco investigar, constituindo um aspecto sintomático de um panorama que parece mais generalizado.

Outra disciplina marcada mais uma vez pelo tema foi Antropologia Brasileira, também componente obrigatório do curso, cursada no 5º período, permitindo o surgimento de outros questionamentos e continuação dos estudos mesmo durante a situação pandêmica que resultou na adoção do ensino remoto pelas universidades. Dessa vez, a questão principal girou em torno da apropriação das figuras de Jackson e Margarida, juntamente com as questões que perpassam a construção de um patrimônio histórico preservado e vivo na atualidade.

Busquei justificar a relevância de tratar sobre o tema pela falta de abordagens na área das Ciências Sociais com esse enfoque, que pensa Margarida de uma forma mais geral, no papel que ela assume país afora enquanto defensora dos direitos de camponeses e camponesas e dos direitos humanos como um todo, e não pensando-a em um contexto local. As aulas trataram de temas como a iniciação da Antropologia no Brasil, os estudos de enfoque na cultura popular,

⁶ Caminhos do Frio é o nome da rota cultural que passa por municípios do Brejo paraibano no inverno. Disponível em: [Rota cultural Caminhos do Frio na Paraíba 2023 - Cidades e datas \(jornaldaparaiba.com.br\)](http://jornaldaparaiba.com.br). Acesso em: 18/11/23.

⁷ Temos, por exemplo, a cidade de Areia, que preserva vários museus e é um importante polo turístico para o brejo paraibano - construindo uma ideia de um passado glorioso, ligado a ideia de uma opulência econômica ligado a produção canavieira que refletiria no patrimônio e riqueza cultural da cidade. Ao mesmo tempo, Alagoa Grande, distante 17 km de Areia, com semelhante trajetória, mas nem de perto reconstrói e valoriza tais histórias e memórias.

cultura de massas e contextualização do cenário de produção de pesquisas e teorias no campo antropológico nacional.

A partir desse panorama, propus no trabalho final resgatar parte da história do município para explicar as iniciativas de criar os museus de Margarida e Jackson como incentivo de ganho econômico e turístico, destacando a ausência de outros projetos que envolvam a população em atividades culturais e valorização da história da cidade.

Além disso, a discussão teórica incluiu questões sobre a manutenção do patrimônio (tanto material quanto imaterial) em tempos de globalização, e os significados que podem carregar nos diferentes lugares. Arelado a essa construção, foi destacado o caráter político, técnico, institucional e administrativo na definição dos símbolos históricos e, conseqüentemente, partes das heranças e memórias sociais/coletivas que perpassam o campo de patrimônio. Parte-se da ideia que a definição do patrimônio não garante que tais símbolos permaneçam vivos nas práticas e na memória das sociedades, pois há sempre o caráter instável das relações e das significações dadas pelas pessoas, assim como as mudanças que ocorrem através do espaço e do tempo.

Propus também hipóteses que poderiam explicar a ausência de vínculo dos alagoandenses com as personalidades de Margarida e Jackson: Margarida foi uma pessoa que lutou totalmente contra o poder local que negava os direitos dos trabalhadores rurais; Jackson, por sua vez, teve seu talento musical primeiramente reconhecido quando já havia saído da cidade na qual passou a infância. O que nos pareceu ser uma característica, constitui na tendência de que os incentivos à preservação de patrimônio foram frequentemente elementos importados por pessoas de fora da cidade, sejam elas pesquisadores, funcionários públicos, instituições de causas e movimentos sociais, ou até mesmo os próprios turistas.

Em suma, o que mais reverberava e inspirava tal discussão é a relação existente entre a teoria da disciplina com a prática dos meus questionamentos, com enfoque no imaginário das pessoas, no que elas mantêm vivo no presente acerca das figuras históricas, e os condicionamentos sociais, econômicos e políticos diversos que geram tudo isso.

O último trabalho que antecedeu a definição do objeto a ser estudado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi um Seminário de Análise Social (SAS), atividade desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) em Antropologia da UFCG, no qual fui bolsista do segundo ao último período da graduação.

A dinâmica do seminário consiste na escolha de um tema a ser trabalhado e especificado, incluindo pesquisas diversas, leituras teóricas e problematizações próprias a serem apresentadas aos demais petianos, os quais oferecem feedbacks, críticas e considerações sobre a exposição. Na SAS intitulada “Margarida Maria Alves: um olhar de herança histórica, política e cultural/patrimonial”, resgatei o processo de interesse pelo tema, apresentando de forma mais completa e com uma maior diversidade de fontes a trajetória de vida de Margarida e o crime que recaiu sobre ela.

A abordagem de categorias de heranças elenca, na história, a biografia de Margarida, a vida que levou até o trabalho no sindicato, sua atuação de lutas e incentivos à educação das mulheres camponesas, os processos que moveu contra os proprietários de terra que se recusavam a cumprir os direitos dos trabalhadores, levando à ameaças e conseqüente silenciamento da líder; no âmbito político, o destaque para a Marcha e para as homenagens diversas que Margarida recebeu Brasil afora representa a relevância mantida de sua figura e das sementes que ela plantou; a herança do patrimônio, por sua vez, trouxe o museu da cidade para demonstrar também a inquietação de ausência de valorização que deu início ao estudo em princípio. Tivemos a discussão sobre patrimônio cultural, seus processos e características, assim como as problematizações e hipóteses desenvolvidas nos trabalhos anteriores.

Pois, ao realizar novas pesquisas, tive acesso a mais informações que antes não sabia, a exemplo das repercussões do crime em âmbito nacional e internacional, incluindo também as homenagens que ela acabou recebendo nos anos posteriores à sua morte⁸. Inclusive, constituiu-se como um incentivo de continuação e aprofundamento do estudo do tema.

⁸ Anistia internacional e indenização, recebida por seu filho; Marcha das Margaridas; título de heroína da pátria, etc.

A partir desse seminário de análise, foi possível instrumentalizar o acúmulo de leituras pelos trabalhos já escritos, e desenvolver uma problemática mais definida, pois o museu surge enquanto uma fonte de pesquisa e vivência da memória de Margarida na cidade. E, ao atribuir e enunciar os fatores que atrelam a líder a uma simbologia de luta que reverbera até hoje, embasou-se a relevância de construção da temática.

Já partindo para a elaboração do TCC, iniciamos o trabalho de buscar materiais e trabalhos bibliográficos, tanto para introduzir discussões e embasamento teórico à futura pesquisa, quanto para continuar conhecendo e entendendo as modulações locais sobre as figuras e histórias. Para a elaboração deste capítulo, algumas perguntas norteadoras incluíram: cadê Margarida em Alagoa Grande? Quais foram os lugares em que consegui materiais e informações para pensá-la? O que os trabalhos encontrados abordam em relação a ela? O que tiramos dessas discussões?

É pertinente esclarecer que o intuito de nossa pesquisa não foi necessariamente reescrever a história de vida e de luta de Margarida, nem tampouco nos limitar a pensá-la somente na dimensão local da cidade natal. A escolha de narrar esse longo processo de construção da temática se justifica por ele não vir pronto e por ele ser resultante de desconfortos e uma atenção consciente e gradativamente direcionada a assuntos não abordados em Alagoa Grande. Isso porque não cresci ouvindo falar de sua história nem na escola, nem em casa e, conseqüentemente, não construí envolvimento ou memórias nos museus.

Assim, trabalhamos com a história, com a antropologia e com a política que leva o nome da líder sindicalista aos movimentos sociais nacionais, tanto teórica quanto empiricamente, usando essas categorias de pensamento como alicerces para propor a hipótese de um ciclo operante na cidade de Margarida, no qual percebe-se concomitantemente o desconhecimento/apagamento de sua história, um esquecimento de suas heranças, e um silenciamento de uma voz que denunciou injustiças e que reuniu multidões para lutar por causas políticas, sociais e econômicas.

No tocante à revisão bibliográfica, as pesquisas por trabalhos foram marcadas por dificuldades em achar textos diretamente relacionados ou focalizados unicamente em Margarida, para além de percebermos a pouca circulação dessas produções, principalmente em Alagoa Grande. Na internet, pesquisamos sites de trabalhos acadêmicos, programas de pós-graduação e livros disponíveis que abordassem as brechas e questionamentos sobre a construção da história.

Em primeiro lugar, a bibliografia de base explorada foi a história da cidade, seu processo de ascensão econômica - a proeminência de engenhos, trem, teatro, igreja e outros indicativos de prestígio social, mas sempre em contraste com os conflitos de interesses entre os donos de terra e os trabalhadores, principalmente rurais -, a formação de um centro histórico arquitetônico e de um posterior percurso cultural de preservação de tal patrimônio, assim como outros aspectos e acontecimentos que marcaram a história local, a exemplo das figuras de Jackson do Pandeiro e Margarida Alves.

Por outro lado, parte do processo de revisão foi também refletido nas compreensões da grande e importante bagagem histórica que cerca e espelha a trajetória da líder sindicalista. Os trabalhos acadêmicos sobre Margarida constituem o acesso às diferentes interpretações, usos e atribuições de sua luta, e, neste capítulo damos enfoque nos autores Ana Paula Romão (2010; 2017), Sebastião Barbosa (1984) e Gercimária Silva (2019), que resgatam respectivamente elementos da trajetória político-educativa, uma biografia-homenagem-reportagem da vida de Margarida, e um projeto envolvendo perspectivas de educação patrimonial em Alagoa Grande.

Mesmo sendo melhor informada por estes trabalhos, os objetivos desses autores se mostraram diferentes dos que construímos aqui, tendo em vista que o que moveu a pesquisa e o que dá sentido às indagações propostas é a relação entre a figura de Margarida e o contexto local que a produziu e que a mantém enquanto pessoa dotada de importância⁹. Portanto, não trata-se apenas de história e de uma possível formação educativa voltada para a valorização de um patrimônio local, de um percurso de militância política, ou de uma figura representativa. No cenário

⁹ Mais à frente, estas tensões e contradições serão melhor exploradas no capítulo 2.

social analisado, todos esses elementos encontram-se interligados e representados no silêncio que paira sobre como a cidade e seus moradores (não) tematizam sua história.

Partimos, portanto, de uma perspectiva que pensa esse contexto de origem, trabalhando e investigando o passado para entender conjecturas atuais que se reproduzem através da não ruptura com os princípios que produziram as violências e trajetórias referidas. Porém, essa estrutura coexiste também com as inúmeras formas de resistência que ainda vivem e que buscam devolver as vozes silenciadas, promovendo o incentivo à memória.

As principais fontes que tratam da história e que utilizamos neste trabalho são, a saber, *Alagoa Grande: sua história de 1625 a 2000*, de José Avelar Freire (2002), “Alagoa Grande” verbete de Genes Duarte Ribeiro, publicado na coletânea *História dos Municípios Paraibanos*. No primeiro, temos uma extensa descrição dos eventos, pessoas, fatos, fenômenos e características que marcam toda a trajetória da cidade durante esses quatro séculos. A passagem pelas figuras importantes também ocupa parte das considerações de Freire, como políticos, artistas, pessoas da elite econômica, instituições sociais e organizações para fins específicos (igrejas, grupos de esportes, bandas locais etc.), em alguma medida evocando um aspecto memorialístico de elencar de pessoas, datas e eventos como que produzindo história e memória do lugar.

Há um breve capítulo de discussão abordando principalmente como aconteceu o silenciamento final de Margarida¹⁰, suas reivindicações que provocaram a ira dos senhores de engenho e, conseqüentemente, “um dos mais traiçoeiros e violentos crimes contra uma liderança popular (com o agravante de ser feminina) na História do país” (FREIRE, 2002, p.297), além da série de repercussões que o crime alcançou juntamente com o fracasso da investigação e do julgamento, e algumas homenagens e manifestações póstumas em prol da memória da líder. Ainda relacionados aos fenômenos ligados ao nosso tema, temos capítulos sobre o movimento sindical, a repressão às Ligas Camponesas, e

¹⁰ O capítulo é intitulado “A continuidade da luta reivindicatória do trabalhador rural e a tragédia de Margarida Alves”, p.297-300.

acontecimentos referentes à reforma agrária que distribuiu assentamentos pela cidade.

Em contraste, Jackson do Pandeiro é tomado como figura importante não só para a cidade quanto para toda a Paraíba. Encontramos um extenso capítulo contando com aspectos biográficos, carreira e ascensão na indústria musical nacional, artistas com os quais realizou colaborações, trabalhos que alcançaram sucesso, prêmios, tributos, saudações, entre outros aspectos como a iniciativa de criar o museu, o portal na entrada da cidade, e o livro sobre a vida e a obra do artista.

Já na segunda obra citada mais acima, o texto de apresentação do município paraibano, com autoria de Genes Duarte Ribeiro, nos apresenta de maneira rápida o entorno de cidades circunvizinhas que identifica Alagoa Grande, os povos originários que antes povoavam as margens da Lagoa do Paó, que foram expulsos e dizimados com o início da concessão de sesmarias, povoamento e exploração das terras a partir do século XVIII e foram estabelecidas as terras que deram espaço à instalação de engenhos para a fabricação de rapadura, aguardente e açúcar também foram responsáveis pela degradação da vegetação local, característica da mata atlântica, e pelo uso da escravização dos negros africanos, usados como mão de obra. O resultado dessas atividades foi, portanto, a construção dos casarões ao redor da igreja matriz na parte urbana da cidade, também frutos da mão de obra escravizada. A produção de algodão nas primeiras décadas do século XX conferiu uma expansão econômica, a instalação de uma linha férrea, elevando o nome de Alagoa Grande a um dos grandes produtores de algodão na Paraíba, atraindo pessoas de fora e outras construções materiais e patrimoniais, elementos culturais e influências de elites, intelectuais, comerciantes e artistas.

Estas informações reunidas parecem referir-se a uma suposta história do município como entidade em si, como entidade viva, entretanto ao longo do trabalho, além da rapidez que eventos e situações são listados, não se entende como estes processos se dão, as mudanças e a própria percepção dos habitantes. As referências históricas conduzem mais a um perfil genérico do município combinado com eventos ocorridos, não permitindo situar numa perspectiva mais

analítica, da construção social da “comunidade” de Alagoa Grande que tanto interessam e caracterizam o fazer da antropologia e da sociologia.

Mesmo quando se consegue fazer conexões como o caso da primeira morada da família de Jackson do Pandeiro na Usina Tanques, estes parecem mais depoimentos de uma história sabida e contada, mas nada refletida. Esta foi palco de muitos conflitos entre os trabalhadores rurais e os senhores de engenho, descende desse progresso comercial, e até a década de 1950 esteve entre as principais potências econômicas do município - e também o motivo de falência de engenhos menores da região. Seu declínio e posterior fechamento se deu no ano de 1997. Nos dias atuais, os produtos de subsistência vendidos na feira municipal, provenientes da zona rural, juntamente com a criação de animais, configuram as atividades que mantêm a economia local.

Outros elementos elencados como constituintes de Alagoa Grande no texto são as influências religiosas, com sua predominância católica, mas é também apontada a existência do surgimento de igrejas protestantes e expressões das religiões de matriz africana em terreiros de candomblé. Por último, são citados os incentivos à economia através do turismo, provenientes de órgãos federais e iniciativas privadas, e as heranças de Jackson do Pandeiro - que detalharemos mais adiante. O museu de Margarida é apenas citado como parte do percurso turístico (ver figura 4).

Partindo da perspectiva do valor atribuído à Margarida, vemos que Alagoa Grande não explora as possibilidades de valorização, representação e simbologia possíveis na figura dela¹¹ - que, devemos sempre destacar, são realizados e incentivados ativamente em outros lugares - mas que, em alguma medida, os incentivos de resgate a uma paisagem turística e de bagagem histórica direcionam-se a promover a importância Jackson do Pandeiro para a terra que foi seu berço. Mesmo assim, como poderíamos pensar numa memória de Margarida sendo materializada e representada nas ruas da cidade? Se ela e sua história está diretamente ligada a acontecimentos que as pessoas não querem (ou não podem, ou não conseguem) falar e lembrar? Numa cidade fruto da colonização, da exploração e expropriação de terras e pessoas, como lembrar Margarida, que não

¹¹ Talvez por envolver a questão dos conflitos de terra, explorados mais à frente neste texto.

tinha medo de denunciar desigualdades e injustiças? Como esperar que os alagoagrandenses vivam a memória de uma figura silenciada pela violência?

Foi assim que, ao ter acesso a essas narrativas históricas numa perspectiva local, nos deparamos com informações tratadas de forma fragmentada e pouco aprofundada, dificultando, por exemplo: o entendimento da ligação cronológica e de contexto social entre Alagoa Grande, o estado da Paraíba e o cenário ditatorial do Brasil à época; e a importância e repercussão do assassinato de Margarida na história da cidade, enquanto fato que mobilizou categorias políticas, religiosas e sociais no geral, num nível internacional, e para além de um fato anterior e datado, pois Margarida preserva suas heranças através das raízes cultivadas por aqueles que se inspiram por seu enfrentamento e coragem.

Esta dificuldade nos fez, paralelamente, procurar outras fontes, no caso os veículos oficiais da prefeitura municipal de Alagoa Grande para buscar a existência (ou não) de uma narrativa mais precisa e aprofundada. Para isso, foi consultado o site oficial da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande¹², que dispõe de uma aba intitulada “Município”, com uma sessão sobre “História”. Nesta incluem-se uma foto aérea de parte do município; aspectos sobre as características de formação da cidade, como datas importantes de fundação e emancipação; e referências ao processo de expansão econômica através da agricultura que marcou a região - sendo esta atividade apontada como resultante do próprio centro histórico tombado com seus casarões construídos por escravos.

O turismo é também destacado como um potencial “que pode ser economicamente explorado”, inclusive em vários âmbitos como o histórico, ecológico e rural. Vemos também uma passagem que enuncia a existência da comunidade quilombola da cidade, Caiana dos Crioulos, justamente um lugar em Alagoa Grande que tem feito esforços e eventos para contar sua história e valorizar suas memórias - quase o oposto do que até agora se viu sobre a memória da história de Margarida Alves - mas que, contrastando, não aparece menção no site da prefeitura.. Na mesma página, há o hino da cidade, juntamente com a

¹² Link para o site da prefeitura. Disponível em: [Prefeitura de Alagoa Grande - PB | Portal oficial da Gestão Municipal](#). Acesso em: 21/11/2023.

bandeira e o brasão local, e outras informações que podemos ver nas figuras abaixo:

Figura 1: Descrição geral de Alagoa Grande



PREFEITURA DE ALAGOA GRANDE O Trabalho Continua!

INÍCIO GOVERNO MUNICÍPIO DOCUMENTOS OFICIAIS LEGISLAÇÃO CARTA DE SERVIÇOS

Início > História

História

SOBRE ALAGOA GRANDE

O município de Alagoa Grande é uma cidade da Região do Brejo da Paraíba que antes era parte integrante do município de Areia até meados do século XIX, quando se tornou independente como cidade. O ano de 1864 é considerado como o ano de sua fundação, mas em 1847 já havia passado de povoado a distrito. Foi emancipada politicamente em 21 de outubro de 1864, sendo instalada, como vila, em 26 de julho de 1865. Em 27 de março de 1908, Alagoa Grande foi elevada à categoria de cidade. Por conta desta última data muitos acreditam que o município completou 1 século de emancipação no ano de 2008, quando na verdade já decorreram 147 anos deste fato histórico.

Esta era uma região que cresceu muito no século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar (que destruiu a Mata Atlântica do lugar, desfigurando a cobertura vegetal) que utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava. Em seu centro ainda existem casarões que ainda hoje testemunham esse momento de grandeza econômica do município, que foram construídos por escravos. Embora a cidade tenha se estagnado economicamente ao longo da segunda metade do século XX (com a população ao invés de aumentar, diminuiu, principalmente por causa do êxodo para as grandes cidades), Alagoa Grande tem um grande potencial turístico que pode ser economicamente explorado, trazendo divisas para o município (tanto o turismo histórico, quanto o turismo rural e ecológico). Neste município se localiza a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, herança dos negros que ajudaram no crescimento econômico e cultural da cidade.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, 2023

Figura 2: Hino e características da cidade

HINO

(Letra e Melodia por Waldemar Rodrigues de Azevedo)

Alagoa Grande, ô terra querida,
Te contemplo e te exalto imortal.
Os teus sonhos, são sonhos da vida,
Na paisagem do teu pedestal!
Alagoa retrata o cruzeiro,
Sombreando nas águas a cruz!
E a cidade com jeito brejeiro,
Se enfeita de graça e de luz!
Ô Virgem da Boa Viagem!
Símbolo de amor, porque és!
Os teus filhos veem em tua imagem:
A razão de viver pela fé, a fé!



Outras Informações

Gentílico: Alagoa-grandense
Clima: Quente e Úmido
Temperatura Média: 26° C
Localização: Agreste Paraibano
Limites: Juarez Távora, Areia, Alagoinha, Mulungu, Serra Redonda, Massaranduba, Gurinhém, Matinhas e Alagoa Nova.
Distância: 85 km da capital

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, 2023

Na mesma seção onde vemos a aba “História”, há a aba “Turismo”, que lista e introduz as principais atividades de turismo que a cidade oferece. São resumidamente descritos sete lugares diferentes, em ordem: o Morro do Cruzeiro, o Memorial Jackson do Pandeiro, o teatro Santa Ignez, a paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, o engenho Volúpia, a casa Margarida Maria Alves, e o bistrô Maria da Pá Virada. É interessante notar a ausência do quilombo enquanto um lugar de turismo e visitação, tendo em vista que a comunidade dispõe e realiza regularmente o recebimento de visitantes para atividades diversas, com destaque para o evento que promove a consciência negra, acontecendo anualmente no mês de novembro.

Figura 3: Aba de turismo com descrições das atividades



The screenshot shows the 'Turismo' section of the Alagoa Grande municipal website. At the top, there is a navigation bar with links for 'INÍCIO', 'GOVERNO', 'MUNICÍPIO', 'DOCUMENTOS OFICIAIS', 'LEGISLAÇÃO', and 'CARTA DE SERVIÇOS'. Below the navigation bar, the page title 'Turismo' is displayed. The main content area is divided into two sections:

SOBRE SUBIDA AO MORRO DO CRUZEIRO
 Em cima deste morro há um cruzeiro onde as pessoas vão acender velas para as almas do purgatório. Neste morro estão situadas "casas de taipa", construídas de barro, que é colocado dentro de uma espécie de engradado que formam as paredes. Às vezes estas casas são cobertas por telhas, às vezes cobertas por palha. Elas são habitadas por trabalhadores braçais da Usina de Açúcar que havia no município de Alagoa Grande, na Paraíba.

SOBRE MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO
 José Gomes Filho nascido, em 31 de agosto de 1919, na cidade de Alagoa Grande- PB. Seu pai era fabricante de tijolos e sua mãe Glória Maria conhecida como Flora Mourão era cantora de cocos. Ele foi cantor, instrumentista, compositor e um dos maiores intérpretes dos ritmos do nordeste. Aos oito anos de idade pediu a sua mãe uma sanfona, mas por ser caro ela deu-lhe de presente um pandeiro, aos 13 anos com a morte de seu pai mudou-se para Campina Grande-PB com sua mãe e seus irmãos. Trabalhou como engraxate, entregador de pão, admirava cinema e filmes de faroeste. Por ser tão fã do ator Jack Perry ele trocou seu nome artístico para Jack que com o passar do tempo ficou Jackson. Aos 17 anos foi baterista e percussionista de um conjunto, depois fez dupla com José Lacerda usando o nome de Jackson do Pandeiro em 1939. Morou em João Pessoa de 1940 a 1948

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, 2023

Figura 4: Informações básicas sobre a vida e a trajetória de Margarida



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, 2023

Seguidamente às percepções e informações disponíveis no site sobre as histórias da cidade, parecem sinalizar sobre o contexto político da época, mais precisamente nos domínios e disputas das lutas por direitos no campo, a exemplo das ligas camponesas, e a formação e fortalecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais na Paraíba e no Nordeste. Porém tudo isso, de certa forma, indicava algo que fomos percebendo ao longo da pesquisa - um certo conhecimento existente mas não compartilhado por quem não estudou ou vivenciou tal cenário - para isso e paralelo as leituras sobre Alagoa Grande, Margarida Alves e Jackson do Pandeiro, procuramos ler materiais mais gerais de sociologia e antropologia que tratassem da temática do campo no Brasil, do campesinato e das lutas camponesas, já que isto estava relacionado ao contexto local que envolveu Margarida Alves enquanto líder de um sindicato. Assim, exploramos leituras que traçaram e resgataram histórica, política e analiticamente tais cenários.

Após um breve levantamento recorreremos a uma série de textos publicados pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD) na coletânea “História Social do Campesinato no Brasil”, selecionamos alguns trabalhos para permitir situar a história de Margarida e suas lutas em Alagoa Grande no contexto maior da reivindicação por direitos do trabalhadores rurais no nordeste. Destes, podemos recuperar o clássico texto de Francisco Julião, “Que são as Ligas Camponesas?” de 1962, onde o autor recupera os movimentos por reivindicação

feitos pelas ligas, explicitando suas origens, causas, consequências e conquistas (JULIÃO, 2009). Também neste recorte histórico, lemos Manuel Correia de Andrade com “As tentativas de organização das massas rurais - as Ligas Camponesas e a sindicalização dos trabalhadores do campo” de 1963, que recobre o mesmo período e questões falando da sindicalização dos trabalhadores do campo como resultante da expropriação, expulsão e êxodo que atingiu tantas e tantas pessoas a partir de 1950, instaurando intensos conflitos entre os proprietários de terra e os camponeses (ANDRADE, 2009). De certa forma numa preocupação semelhante - dar profundidade histórica aos trabalhadores rurais e suas tradições - nos debruçamos sobre os sistemas classificatórios que englobam o universo rural, as simbologias e termos específicos da vivência nos engenhos, os valores que mobilizam os camponeses e os diferentes contextos que explicam as categorias e as situações que dão sentido a elas, presente em “A morte do Caboclo: um exercício sobre sistemas classificatórios” de Lygia Sigaud (1978). A ideia era perceber a importância desse reconhecimento - histórias, trajetórias, categorias sociais - e ao mesmo tempo estar atento ou traçar paralelos com estas dimensões, se presentes (ou não) na história local e nas conversas dos moradores¹³.

Em relação ao período que Margarida Alves surge como liderança, hoje conhecido como o período das greves e lutas por direitos do fim da década de 70 do século passado, recorreremos aos textos “Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana” de Moacir Palmeira, apontando os diversos dilemas, enfrentamentos e marcadores da conjuntura política e social em questão são abordados através das mobilizações, desmobilizações, greves e demais questões que uniram milhares de trabalhadores, resultando na construção das forças populares tanto na Zona da Mata de Pernambuco, quanto na Paraíba (PALMEIRA, 2009). Já em “A luta de classes em dois atos: notas sobre um ciclo de greves”, o engenho aparece como esse mote inicial, como o lugar onde tudo começou, guiando nossas leituras para entender a luta de classes, como essa luta foi percebida por aqueles que dela fizeram parte, e

¹³ Assim como o esforço de Moacir Palmeira “Casa e Trabalho: Nota sobre as relações sociais na *plantation* tradicional (1977)” (Palmeira, 2009).

o que estava em jogo nos momentos de mobilização coletiva que resultaram em efeitos e consequências diversos (SIGAUD, 2009).

Buscamos entender, em alguma medida, as mudanças ocorridas nas lutas e os efeitos mais duramente repressivos a partir de 1964. Com o crescimento da produção e a política de incentivos fiscais cada vez maiores, as empresas foram dominando o campo, fazendo com que os camponeses ligados à terra fossem gradativamente expulsos de suas moradas, ao mesmo tempo que continuavam submetidos a uma série de violências e ameaças recorrentes e cada vez maiores..

As ações de Margarida Alves produzem descontentamentos por parte dos proprietários de terra justamente porque “a possibilidade de o campesinato falar sua própria linguagem de classe perturba os esquemas de interpretação, as posições partidárias, a lógica férrea e enferrujada do economicismo desenvolvimentista” (MARTINS, 1981, p.12). O campesinato, no processo político de formação do Brasil, foi subordinado aos interesses da classe social burguesa, e da superioridade das questões urbanas em detrimento das questões rurais. Além disso, a história do Brasil tem o viés único e excludente das classes dominantes, não permitindo uma história de trabalhadores e dos dissidentes da “ordem” estabelecida hierarquicamente (MARTINS, 1981).

O referido texto de José de Souza Martins abrange o período de 1888-1964, refletindo sobre as lutas sociais e o processo político vivido pelos camponeses no Brasil. Para o autor, isso se justifica pelo fato de o fim da escravidão ter redefinido as condições de existência no campesinato, e o golpe acaba com as vitórias das lutas camponesas, permitindo apenas a sindicalização. Por outro lado, é reafirmada a tendência de reações recebidas com relação às lutas camponesas: agressões, tentativas de aliciamento, acomodação e subordinação (MARTINS, 1981, p.16).

O governo, por seu lado, tem uma clara diretriz de desmobilização dos grupos populares que lhe fazem oposição e essa diretriz se tornou evidente desde o início dos anos 1980 em relação às lutas camponesas. É significativo que nesse mesmo ano três líderes camponeses e três líderes indígenas, de diferentes regiões, tinham sido assassinados sem que tais crimes fossem esclarecidos devidamente (MARTINS, 1981, p.101).

No processo de transição que levou o senhor de escravos a se transformar em senhor de terras, Martins afirma que o campesinato brasileiro é constituído como fruto e produto das contradições da expansão capitalista. E, nessa busca pelo direito de se expressar politicamente, a classe social camponesa enfrentou inúmeros percalços.

Este tipo de recorte e abordagem, guarda semelhanças com o estilo de crítica produzido num dos livros que mais referenciam a história de Margarida Alves, que é a obra “A mão armada do latifundiário – Margarida: quantos ainda morrerão?” de Sebastião Barbosa (1984). Esta nos oferece, um ano após a morte da líder, perspectivas biográficas, amostras dos discursos proferidos por Margarida durante sua atuação em diversos lugares, o detalhamento sobre o crime e o que foi dito pela imprensa e pelos movimentos ligados ao sindicalismo, dando um dimensionamento de como as coisas aconteceram, bem como os efeitos resultantes disto¹⁴.

No início dos anos 60, os trabalhadores começaram a fundar sindicatos. Em 1963, houve o surgimento da CONTAG (confederação nacional dos trabalhadores na agricultura). Entre 60-63, destacam-se também as Ligas Camponesas, que se multiplicaram pelo Nordeste na liderança de Francisco Julião. Ao mesmo tempo que o movimento sindical ganhou muita força nesse período, por outro lado a Legislação continuava a mesma, e a luta prática dos trabalhadores tentava romper com essa estrutura criada de cima para baixo pelo governo (BARBOSA, 1984, p.68).

Justamente quando a luta começava a ganhar fôlego, se deu o golpe de 64. Com isso, milhares de trabalhadores foram presos e até mortos¹⁵. O papel do sindicato voltou a ser apenas de órgão de assistência e conciliação entre patrões e trabalhadores. Entre 1968 e 1974 o movimento sindical funcionou na clandestinidade graças à repressão da ditadura. Nesse período se expandiram os grupos de trabalhadores nas fábricas, no campo e na cidade, fazendo o trabalho tímido de lutas. Foram esses grupos que deram origem à nova fase a partir de 1974. Foi a partir de 1978, então, que o movimento voltou à luta de forma

¹⁴ O estilo reportagem/depoimento/denúncia é comum a uma série de trabalhos do final da década de 70 e começo dos 80, como “Nossos índios, nossos mortos”, de Edilson Martins.

¹⁵ Para mais informações, ver Arns (1985), Gorender (1987), Rocha (2018) e Scocuglia (2019).

inegável. Atuando ativamente nele, estava Margarida e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande - PB.

A fatídica e cruel prática de contratar “sicários” profissionais para assassinar aqueles que incomodam os donos de terras vem de bem de antes da década de 1980, tendo a fama predominantemente ligado a região Nordeste, sendo contudo presente de forma regular nas demais regiões do país.

Margarida, em seus discursos, não poupava palavras nem sentimentos para expressar a necessidade de lutar pelos direitos e pela dignidade dos trabalhadores. Em um pronunciamento do dia 30 de abril de 1983, ano de sua morte, ela falava na rádio cultura de Guarabira:

Vamos conquistar os nossos direitos. Dizia os denunciante que Alagoa Grande estava invadindo as propriedades rurais. Invadindo estão eles. Denuncio de alto e bom som. Eles estão invadindo nossos direitos; eles estão invadindo a falta do pagamento do salário mínimo. Eles estão invadindo o não pagamento do 13º salário aos trabalhadores. Eles estão negando água e pão. Estão fazendo pressão à diretoria. Mas eles sabem que somente fazer pressão à diretoria não tem muita vantagem, porque não é só a diretoria que vai resolver o problema. Quem vai resolver o problema somos nós unidos (BARBOSA, 1984, p.48)

Sem deixar de mencionar e lembrar de tantos outros que já haviam sofrido a repressão de defender as pessoas que precisavam ser defendidas, no mesmo discurso Margarida pede que seus companheiros não esqueçam o sacrifício de continuar lutando apesar de todos os empecilhos colocados pelos poderosos:

Companheiros, eu quero pedir a vocês que quando voltarem para casa lembrem-se e rezem por aqueles que tombaram na luta. E rezem também por aqueles que estão lutando. Por aqueles que estão enfrentando o revólver; por aqueles que estão enfrentando ameaças; por aqueles que estão nos vigiando também. Porque não é brincadeira (BARBOSA, 1984, p.50).

A coragem de defender os direitos da classe trabalhadora era o princípio básico, segundo Margarida, para merecer ter e levar o nome de líder sindical. O medo que ela expressava ter não era dos latifundiários, das ameaças e tentativas de boicote ao seu trabalho, mas da fome. Percebem-se as intenções de tirar os trabalhadores rurais de um lugar de subalternidade, de aceitação perante as injustiças, e de reivindicar seus direitos, independente de um governo ou das narrativas criadas em torno das pessoas pobres do nosso país.

A primeira ameaça recebida pela diretoria do sindicato é datada de abril de 1981. Desde o começo, a presidente¹⁶ registrou e encaminhou todas as ameaças que recebeu até ser assassinada para a Federação dos Trabalhadores da Agricultura (Fetag):

[...] Os proprietários começaram fazer opressão a diretoria do sindicato, fazendo ameaças dizendo que iria quebrar de pau, atirar na presidente, atirar na sede do sindicato e fechar sua sede, passar carro por cima da presidente, afinal a presidente do sindicato o que estava querendo mesmo era uma bala sem esperar. Mas não fez calar a voz da presidente e nem tampouco perder as suas ações como representante classista (BARBOSA, 1984, p.79).

O autor descreve com detalhes o dia que ficaria marcado como o ato final de silenciamento da voz de Margarida em vida. Registra-se que “numa tarde tranquila e calma, tranquilidade e calma só quebrada com o rebombar do tiro de 12 disparada contra o rosto de Margarida postada à porta de sua casa em Alagoa Grande – Paraíba” (BARBOSA, 1984, p.72).

Um outro tipo de texto, já referido a um período posterior é o trabalho de Ana Paula Romão (2017), em seu livro “Margaridas, Margaridas: Memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas”, relembra não só a tragédia que alicerça o esforço de promover a memória de tais acontecimentos, como também a atuação política, explorando categorias conceituais de gênero e memória coletiva, na perspectiva da educação popular, justamente com foco na líder alagoagrandense. Outro aspecto abordado no livro se refere aos pormenores da vida pública e privada e as posições assumidas por Margarida na contextualização do cenário das décadas de 70 a 80, destacando também seu papel na luta pela educação no meio rural:

Em seu comportamento, manifestou a ideia de romper com a esfera do mundo privado e estender-se para a esfera do mundo público, na Igreja, no sindicato, e no partido político. Essa confluência de ações e saberes lhe forneceria a capacidade de questionar a violência provocada pelo latifúndio. Não se considerava feminista, mas acreditava na contribuição do feminismo para o entendimento das opressões que fustigavam as mulheres, bem como, sabia que o feminismo apontava táticas, não apenas para amenizar essa opressão, mas até mesmo para aboli-la (FERREIRA apud ROMÃO, 2006, p.121 - conferir se a regra de referência tá certo!!!)

¹⁶ Margarida tomou posse como tesoureira do sindicato em 1967. Foi eleita presidente em 1973, ocupando o mesmo cargo até sua morte.

A autora justifica o estudo voltado para a trajetória de Margarida pela sua importante contribuição na defesa dos direitos trabalhistas e do papel das mulheres camponesas nos movimentos sindicais e sociais. Além disso, o crime que atingiu Margarida precisa contar com a lembrança e a luta contra a impunidade do julgamento e da justiça com os seus mandantes. A Igreja Católica, os movimentos sociais e os defensores dos direitos humanos continuam, portanto, a levar seu nome, reivindicar a justiça e denunciar as demais violências que ainda acontecem nesse país (ROMÃO, 2010, p.32):

Percebe-se como a memória de Margarida ficou registrada através de várias fontes, a exemplo das notícias de jornais, poesias, música e da história oral para outras contemporâneas de atuação sindical camponesa, as Margaridas, que vêm desenvolvendo suas práticas educativas e de liderança (ROMÃO, 2017, p.27)

Romão (2010) refere-se à atuação de Margarida caracterizando-a como um “trajetória político-educativa”, na qual se faz necessário destacar a crença que ela nutria no poder da educação e das formas que esse fenômeno pode ser fonte e instrumento de transformação social. Sendo assim, as práticas educativas estão presentes em várias de suas ações, mas também nas sementes plantadas após o assassinato, visto que promove e incentiva reflexões e intervenções para um ensino que possa contar com elementos tais como a consciência de classe e a história que permeia as diferentes realidades sociais.

Esta questão nos coloca em ligação com o trabalho anteriormente introduzido acerca de um projeto de educação patrimonial localizado no Museu Casa Margarida Maria Alves, em Alagoa Grande, e de autoria de Gercimária Silva. A autora realizou uma oficina pedagógica intitulada “Ressignificando Memórias e Histórias de Vida – Casa Margarida Maria Alves”, com professores das séries de 1º ao 5º ano de uma escola municipal de ensino infantil e fundamental. A hipótese da proposta de intervenção é que a partir do momento que o museu ganha um novo sentido na prática pedagógica com os professores de forma a repassarem o conhecimento para seus alunos, o museu se torna um espaço suscetível de memória e ligações entre histórias.

Entre outras motivações colocadas pela autora para a realização da pesquisa, destaca-se um semelhante incômodo, já destacado no presente trabalho,

no que se refere à observação do contexto histórico e de ausência de memória com as figuras importantes, vivenciado pelos cidadãos alagoa-grandenses:

Todo esse cenário cultural me fez questionar: por que alguns habitantes não demonstravam ter o mesmo encantamento e nem percebiam a importância daquele patrimônio como aqueles que nos visitavam? Percebi que, mesmo reconhecendo a importância do patrimônio cultural do município, havia um distanciamento na valorização desse patrimônio no espaço escolar, o que poderia tornar-se um desafio, um problema a ser solucionado (SILVA, 2019, p.14).

Todas as questões referentes à constituição da memória e do ensino inclusivo sobre as figuras importantes nos levaram a preencher algumas das lacunas da história e das produções teóricas que refletem Margarida. Porém, como buscamos entender a(s) forma(s) que os moradores da cidade enxergavam, enxergam e lidam com a história, ainda ficava evidente que as conexões entre trajetória, contribuição e o contexto social em que viveu Margarida e depois o que se desenrolou após o seu assassinato, eram interligadas por aqueles que tinham acesso a estes materiais, entretanto no cotidiano a história muitas vezes não era contada, muito menos de maneira sistemática.

Assim, se tornou necessário apostar que, talvez, em outros lugares da cidade poderiam nos fornecer elementos para compreender essa realidade com maior profundidade. Por isso, apostamos que nos museus fossem estes locais onde essa história seria melhor contada, surgindo como aporte de pesquisa, em que tentei buscar uma base mais etnográfica, a partir da descrição dos museus e as narrativas lá contadas. Para quem sabe reforçar a importância de refletir e falar sobre Margarida, Alagoa Grande, e daí valorizar o patrimônio e lidar com os silêncios que marcam a memória e a história locais (Price, 2016).

2. CIRCUNSTANCIAR O APAGAMENTO: MUSEU CASA MARGARIDA MARIA ALVES, MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO E NARRATIVAS ANTROPOLÓGICAS

“Tratava-se de um jogo de ilusão que, para ser bem-sucedido, devia fingir que ninguém havia narrado, ninguém havia escrito, e que o real estava ali, tão bem reproduzido a ponto de fazer esquecer até os sinais do alfabeto”

(Extraído de *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*, de Elena Ferrante)

Depois de transitar por várias leituras, fontes e focos de estudo, e de sobretudo dar de cara com a parede a cada vez que a história de Margarida Alves inspirava novas indagações que quase nunca foram respondidas, os museus pareciam o palco do que de material e palpável poderia ser explorado no tocante às figuras locais e de como Alagoa Grande lida com elas.

Sendo assim, nesse processo de reconhecimento e busca de fragmentos da história e memória locais que pudessem ser analisados empiricamente à luz do significado de Margarida Alves, e como explicitado no primeiro capítulo, os museus existentes no município constituíram os últimos focos de questionamentos e hipóteses deste trabalho para tentar entender como a história era construída. Buscamos incessantemente os diferentes meios e espaços disponíveis para a pesquisa, levando em conta as condições atuais e cabíveis de investigação e o limitado período de tempo que a disciplina de TCC oferece, juntamente às demais demandas características de fim de curso.

Partimos do pressuposto que os variados grupos humanos atribuem valor aos elementos, naturais ou não, que marcam o tempo e o espaço dos territórios e das práticas sociais que ali se desenvolvem. Tais ações alimentam a organização, a coletividade, a identidade comum do grupo. Através dessas narrativas que são festejadas, reproduzidas, temos o envolvimento de sentimentos, relações e colaborações entre os membros do grupo social.

Em uma discussão sobre a constituição do patrimônio, Arantes (2012) estabelece que as práticas que conferem simbologia e marcam a história são fruto de “um trabalho que é socialmente compartilhado e depende do desenvolvimento e da transmissão de conhecimentos e habilidades específicos, assim como da

iniciativa e da perseverança de mestres e especialistas locais” (ARANTES, 2012, p.110). Portanto, do esforço de contar a história de um lugar até o museu que preserva a memória de pessoas, objetos e épocas passadas, estão envolvidos uma série de processos formais, coesão narrativa histórica, e de práticas exequíveis de preservação.

Por patrimônio cultural se denomina o “conjunto de bens tangíveis e intangíveis que participam da construção do pertencimento, das identidades e da continuidade da experiência social, no âmbito dos processos de formação e transformação das nações contemporâneas, e de sua inserção no panorama internacional” (ARANTES, 2012, p.110). O valor patrimonial a algum artefato ou prática cultural é realizada em nome do interesse público, baseia-se no conhecimento acadêmico e obedece a princípios jurídicos e administrativos.

Além disso, as condições de introdução ou permanência do patrimônio na sociedade não são determinadas definitivamente pelo registro ou tombamento, ele apenas abre uma etapa nova na trajetória dos elementos, os quais as condições e eventualidades históricas vão atualizar através do tempo, incluindo aspectos como a criatividade humana. Por esse motivo, o patrimônio pode ser esquecido, reinterpretado ou se tornar base de significados inusitados, pois a proteção oficial não garante a segurança no lugar privilegiado da cultura (ARANTES, 2012). Opiniões mudam, envelhecem, se tornam obsoletas, são substituídas e ressignificadas.

Margarida não é um tema novo a ser explorado no âmbito acadêmico - apesar de pouco referenciado nos materiais disponíveis pesquisados nas Ciências Sociais -, mas ao trazer uma perspectiva direcionada aos vazios percebidos na construção da história local e abordar os silêncios que marcam a memória, um processo lento de construção de intimidade e de uma familiaridade com o campo se faz necessário. Direcionar idas ao lugar, e posteriormente me deparar com outra ótica sobre os lugares, os objetos expostos, bem como os discursos percebidos tanto na Casa já citada quanto no Memorial Jackson do Pandeiro, alicerçaram os desdobramentos a serem esmiuçados diante da descrição, comparação e caracterização dos espaços e artefatos dos museus.

As motivações que, por um lado, concebem a análise dos lugares de memória, tentam abranger por outro a história que as pessoas encontram quando visitam a Casa e o Memorial, as narrativas que os objetos expressam, e as impressões que deixam, tanto nas pessoas que moram ali, quanto nas que vêm de outros lugares para conhecer os personagens históricos locais. E, além do mais, o significado dos museus para a população local ganha importância na pesquisa à medida que a falta de conhecimento e diálogo sobre o tema de Margarida sustenta os questionamentos desenvolvidos.

No tocante às minhas impressões e lembranças próprias precedentes dos museus, que remontam tempos de infância e adolescência, por serem lugares já visitados e tomados como conhecidos, mas não triviais ou frequentados no ambiente da cidade, o esforço consciente de desnaturalizar foi um primeiro passo que permitiu o surgimento de temas de pesquisa menos superficiais e, conseqüentemente, e da percepção deste acesso mais dificultado à história e às memórias.

A ausência de vínculo afetivo e de apropriação anterior a esses lugares gerou crescente incômodo, mesmo sabendo que já havia os visitado antes. Por qual motivo poucas memórias permaneceram? Foi uma falha de educação, que deixou de incentivar o conhecimento da história local e das figuras importantes? Foram as pessoas da cidade, que não vivem nem falam em seu dia-a-dia as heranças deixadas pelos que já passaram? Em suma, as expectativas por respostas estavam concentradas no significado e na importância que as pessoas preservariam nos dias de hoje sobre as figuras e os acontecimentos do passado.

As idas aos museus foram motivadas no sentido de desenvolver os temas da pesquisa, surgindo primeiramente na formas de perguntas, a exemplo de como, para que, e para quem se faz os museus na cidade? As pessoas locais os visitam? Quem visita? Tais perguntas estavam ligadas às possíveis enunciações ou explicações sobre a história que, talvez, se pode perceber nos museus, explorando também a relação que possuem entre si.

Mas por que comparar o Memorial e a Casa? Considerando que estes são os únicos museus existentes e em funcionamento em Alagoa Grande, e sendo estes possíveis fontes desta história, a forma com que ambos se diferenciam ou

que se assemelham poderia ajudar a compreender os motivos que levam as pessoas locais a se distanciar das antigas heranças e a naturalizar os poucos incentivos promovidos ao conhecimento da história local e a própria disseminação de aspectos da vida local. Não por acaso, Antonio Augusto Arantes aborda tal possibilidade ao afirmar que:

A dinâmica transformadora, impressa pela vida social a tudo o que dela faz parte, leva o patrimônio a se integrar às práticas locais ou a ser recusado por elas; em consequência disso, novos sentidos lhe são atribuídos, por vezes contrários à própria intenção de preservar.(Arantes, 2012, p.112)

E, somada a minha própria experiência de visitas feitas a outros museus nas cidades de Areia, Bananeiras, Campina Grande e João Pessoa durante a graduação¹⁷, busquei pensar tais lugares e suas propostas museológicas comparativamente com o contexto local indicariam uma possibilidade importante de permitir construir uma análise mais aprofundada. Podendo os museus da região seguirem - ou não - lógicas semelhantes de exposições e narrativas históricas, seria possível entender as escolhas que os museus de Alagoa Grande fazem para si quando tratam de sua história.

Aqui se faz necessária uma sinalização sobre o tema do patrimônio cultural em sua ligação com a instituição do museu, na qual entre os vários entendimentos sobre o que é ou que função os diferentes museus podem desempenhar, destaca-se o museu enquanto um espaço privilegiado no período republicano e mais recentemente um incentivo à democracia (JÚNIOR, 2005). Sendo assim, o sentido da construção e do pertencimento à nação é um desafio regularmente colocado e atualizado para os museus, porque isso significa pensá-los nas condições e necessidades atuais que impõe a tarefa de manter tais espaços vivos.

Um museu na república é entendido como um lugar de direito e cidadania, inclusão cultural, de resistência e combate a preconceitos de toda ordem e, assim sendo, não é destinado às elites e aos detentores de poderes, mas aos cidadãos,

¹⁷ Os museus visitados foram Museu Pedro Américo (Areia - PB, 2019), Museu do Brejo Paraibano (Areia - PB, 2019), Museu Desembargador Semeão Cananéia (Bananeiras - PB, 2022), Centro Cultural São Francisco (João Pessoa - PB, 2023), Academia Paraibana de Letras (João Pessoa - PB, 2023), Museu Histórico de Campina Grande (Campina Grande - PB, 2023), Museu de Arte Assis Chateaubriand (Campina Grande - PB, 2023), Museu de Arte Popular da Paraíba (Campina Grande - PB, 2023).

fazendo parte da função social que é o exercício do direito à memória, à história e à educação. Refletir sobre a história das coleções etnográficas, sobre as lógicas da distribuição de objetos nos museus deste país e onde estão localizados, acaba elencando os aspectos que envolvem esse trabalho, é também um modo de ponderar sobre as diferentes maneiras de apropriação, leitura e mudança das culturas, não só em nível local, mas também regional e nacional.

Além disso, ao pensar o museu na sua dimensão institucional, o compreendemos também como metáfora da sociedade, como espaço de sociabilidade, mediação de diversos sistemas simbólicos e como espaço de poder e disputas ideológicas, seja entre as elites e o popular, ou entre diferentes discursos sobre o conhecimento e sobre a preservação de memórias (Júnior, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n°. 31, 2005).

Muitas vezes, as tradições oficiais valorizam predominantemente aspectos dos estratos sociais dominantes. O caráter abrangente e abstrato dos símbolos históricos e de memória social leva ao questionamento de até que ponto e para quem essas representações coletivas funcionariam como uma referência ao pertencimento e à valorização de um contexto local. O objetivo que se desejaria ser alcançado através de ações educativas que promovem o patrimônio, sendo estas ações que envolvem uma construção junto à população da crença nas representações patrimoniais, é o pertencimento, mesmo que possa ser utópico (ARANTES, 2012, p.113).

Enquanto cientista social, se aprende que a história é fruto de disputas de narrativas, e de escolhas sobre o que pode ser dito, lembrado, reproduzido e valorizado. Parece que, na realidade social estudada aqui, precisamos continuar reivindicando e criticando a recorrente tendência de não considerar as histórias locais importantes, levando as políticas patrimoniais a serem mal pensadas e ao não cumprimento do papel esperado de aproximar os grupos e as heranças deixadas pelos fenômenos sociais e figuras formadoras dos lugares, seja através de uma biblioteca, de um museu, de uma escola, da história oral, ou da própria comunidade.

O patrimônio hoje é entendido como uma construção social, e por isso é necessário questionar e indagar qual é o seu objeto e o que coloca isso em prática,

incluindo as condições e em que cenário institucional ele acontece, que valores mobiliza. Estudar essas questões deve envolver o aporte teórico juntamente com a investigação empírica, examinando as circunstâncias que produzem tais problemáticas (ARANTES, 2012, p. 120).

Ao revisitar esses espaços, ao voltar sabendo com maior profundidade as trajetórias e, tendo em mente perguntas que buscavam entender a dinâmica e a vivência de cada museu, como as diferenças na localização, as configurações do espaço físico de ambos, a curadoria que reúne a série de artefatos expostos, e como cada um conta a trajetória das figuras que representam e preservam, muitas e novas impressões surgiram.

Em primeiro lugar, o olhar para um museu enquanto cientista social na graduação se difere radicalmente das perspectivas possuídas do passado enquanto estudante de ensino fundamental em contato com a história de Margarida e Jackson. Foi tornando-se perceptível, portanto, as limitações de curadoria, de exposição, de guia e de recursos dedicados a enriquecer a experiência dos museus. Mesmo que por princípios diferentes, tanto o memorial quanto a casa foram planejadas e construídas para serem lugares vivenciados ao máximo, mas na prática, as exposições dificultam a apropriação do espaço e da memória das figuras locais pelas pessoas que moram ali.

Em segundo lugar, a falta de explicações e conexões na disposição dos objetos e no percurso de cada exposição faz com que um visitante que vá à Casa de Margarida ou ao Memorial de Jackson do Pandeiro - não tendo conhecimento prévio e/ou mais aprofundado de suas histórias e as questões que os envolvem - não compreenda de fato qual a narrativa ou o propósito dos artefatos que ali se encontram.

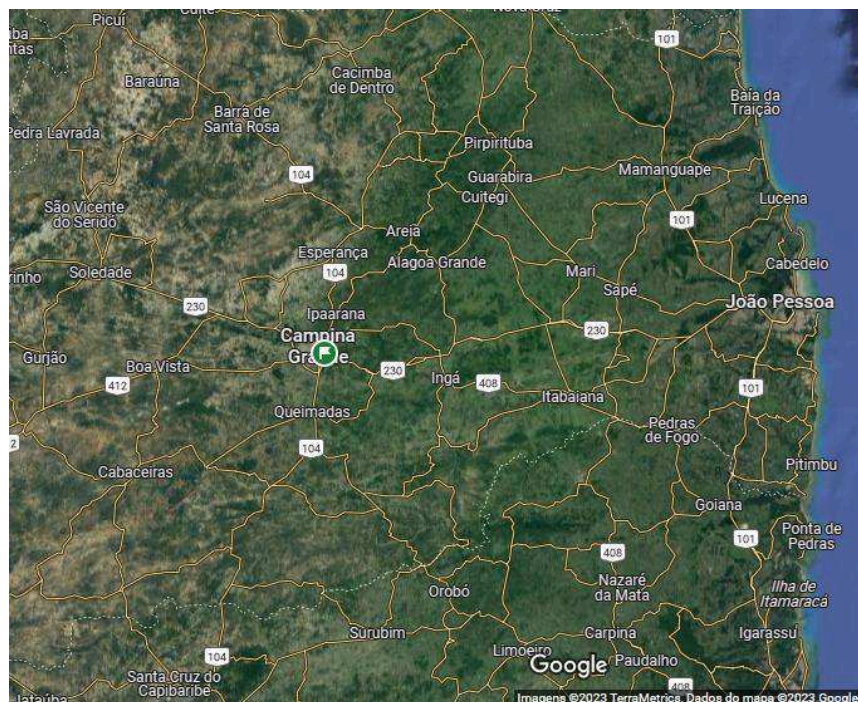
No começo das investidas e leituras para conhecer de fato a história local, o memorial dedicado ao artista e músico da terra me pareceu ser melhor aceito e valorizado pelos alagoandenses, visto que existem mais indícios materiais que reivindicam sua importância e que leva, assim, a cidade a ser mais conhecida: o pandeiro na entrada da cidade, comércios e estabelecimentos que usam seu nome, e o casarão do centro histórico escolhido e adquirido pela prefeitura para homenagear o artista, através do museu.

Por outro lado, talvez seja de conhecimento comum para as gerações mais antigas da cidade as questões que envolvem a memória de Margarida, mas a falta de ensino sobre a história local, seja na escola ou no cotidiano, assim como a ausência de apropriação e valorização da memória e dos símbolos culturais e patrimoniais, incitam discussões que vão além do tempo. Se direcionam, portanto, à atualidade e à força que ainda vive na luta de Margarida, e às intempéries de violência e opressão que ainda persistem em marcar este país.

Assim, a busca de pesquisa etnográfica é posta também como uma maneira de refletir sobre a “cultura” - como as pessoas denominam o que chamam de cultura - de parar para observar as mudanças que estão em curso, os possíveis direcionamentos resultantes disso, como os diferentes grupos respondem, bem como os atores e grupos que protagonizam tais mudanças.

O espaço cotidiano constitui aqui um elemento pertinente na manutenção e vivência da memória e da história. Em outras palavras, a possibilidade de as pessoas locais visitarem ou não os museus em seu dia-a-dia pode revelar até que ponto Alagoa Grande reconhece, conhece e valoriza suas figuras importantes.

Figura 5: Mapa do estado com cidades de João Pessoa, Campina Grande e Alagoa Grande



2.1. MUSEU CASA MARGARIDA MARIA ALVES

Na cidade de Alagoa Grande, localizado na rua Olinda, casa nº 624, se encontra o Museu Casa Margarida Maria Alves, inaugurado no ano de 2001 através da compra do imóvel pela prefeitura municipal. A fachada da casa é marcada por um letreiro que anuncia o assassinato que foi praticado por um assassino contra a líder sindical naquele mesmo lugar, exibindo também a frase mais famosa proferida por Margarida em sua luta, frase que virou também símbolo dos movimentos sindicais e sociais que carregam seu nome e suas heranças: “da luta não fujo. É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. Na mesma janela em que foi abordada pelos criminosos que estavam seguindo ordens, está inscrito em tinta preta que ali foi assassinada a líder no dia 12 de agosto de 1983.

Figura 6: fachada do museu Casa Margarida Maria Alves



Fonte: arquivo pessoal, 2023

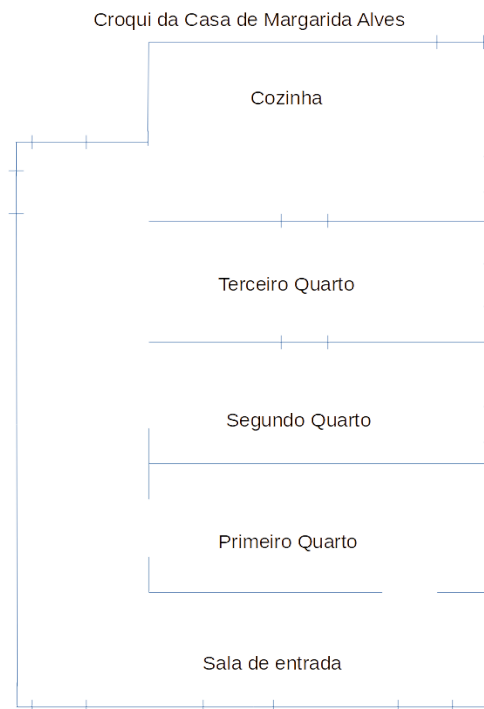
Ir à casa de Margarida, antes lar, hoje um lugar de memória e também palco marcado por uma atrocidade, uma outra investida para encontrar uma narrativa menos velada pelo silenciamento e pela violência, pressupõe a ideia que a existência do museu surgiu a partir de algum propósito, que contou com

recursos e o esforço de reunir objetos. Visto que o espaço se mantém até hoje, se fez relevante entender como ele funciona.

Esperava-se assim melhor compreender a história e a pouca clareza que as leituras e das pesquisas e trabalhos que mencionam nossas questões. Porém, com profundidade, nenhum autor ou autora colocou em pauta como as pessoas de Alagoa Grande vivem a memória de Margarida ou de Jackson. O fluxo de visitas das pessoas locais e o que pode vir a chamar a atenção em cada museu constroem pontos que busquei explorar a fim de oferecer dados e material de análise para a problemática intencionada.

O museu-casa é composto por 5 cômodos diferentes, e em todos estão dispostos objetos que se relacionam à vida pessoal, à luta sindical, à repercussão do crime e à história de Margarida que ainda é viva hoje. A casa é aberta a visitação todos os dias da semana, nos horários da manhã e da tarde, de forma gratuita.

Figura 7: Croqui da casa de Margarida Alves



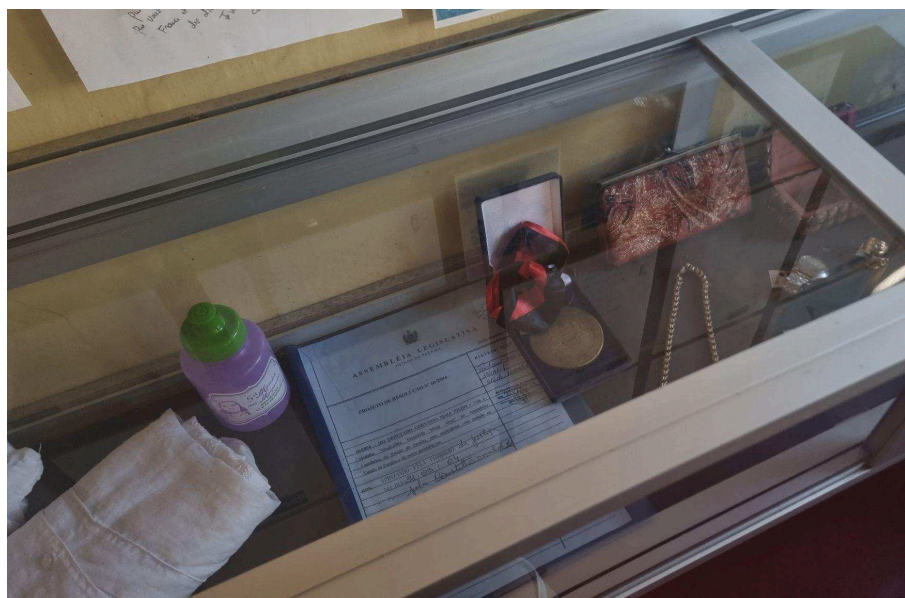
Fonte: desenho feito pelo orientador, 2023

Nas visitas, observei a distribuição das coisas em cada cômodo, os objetos e materiais utilizados como símbolos da vida de Margarida, as informações dispostas entre os textos, os elementos como fotos, banners, cartazes, registrando os mais chamativos por meio de fotografias tiradas com o celular. Cada repartimento é caracterizado por expositores de madeira e vidro, distribuídos pelo chão e pelas paredes, com o espaço livre sem portas para facilitar o trânsito entre os cômodos.

Logo na entrada, o que antes era a sala da casa, está a mesa de recepção juntamente ao caderno de assinaturas e registro de visitas, com um quadro contendo as informações básicas do museu: “Casa Margarida Maria Alves, Alagoa Grande/PB. Fundação: 26/08/2001”, com as cores lilás e branco e flores de margarida ilustradas. No primeiro expositor, localizado na parede da parte direita da sala, encontram-se cartas que mostram a repercussão do crime internacionalmente, escritas em português, espanhol e francês. Ao lado, está pendurado na parede o banner oficial de divulgação da Marcha das Margaridas, que aconteceu em agosto de 2023.

Abaixo do primeiro expositor, há outro onde distribuem-se objetos e acessórios que dão a entender terem pertencido a Margarida. Uma chave, um relógio, um chapéu, um brinco, colares, óculos, guarda-chuva, uma garrafa de plástico proveniente da Marcha das Margaridas, um lençol de tecido, e duas bolsas ficam do lado de dois prêmios cedidos a Margarida: uma propositura feita por vereador do Partido dos Trabalhadores (PT) em comemoração ao dia internacional do trabalhador, com dedicatória em estado ilegível; e uma medalha criada pela Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba, intitulada “Sindicalista Margarida Maria Alves”, direcionada e cedida a premiar e reconhecer sindicalistas com atuação no estado. Ao lado da medalha está o documento de registro do Projeto de Resolução, datado de março de 2004, como ilustramos na figura abaixo:

Figura 8: Garrafa de plástico da Marcha das Margaridas e acessórios



Fonte: arquivo pessoal, 2023

No segundo aposento, estão quatro vitrines, duas penduradas nas paredes, e duas dispostas no chão do que era antes um quarto. Em uma, encontramos uma coleção de jornais (“A União” e “O Norte”) que noticiaram a morte da Margarida, as manifestações resultantes disso, e o andamento inicial das investigações do crime.

Novamente logo abaixo, vemos livros acadêmicos, incluindo teses, dissertações, livros contando sua história, e um livro de fotografias com registros da Marcha das Margaridas nas várias edições já realizadas. Sobre o livro de fotografias, destaco a presença de falas de diversas mulheres que fizeram parte do movimento durante os anos, abordando aspectos como o significado e as motivações de luta, a atmosfera do evento e o simbolismo das diversidades reunidas em prol de objetivos políticos, contendo registros até o ano de 2011. Pela presença e distribuição em vários cômodos, as referências à Marcha possuem clara relevância e demonstram o legado da líder ainda em voga nesse movimento que se espalha por todo o Brasil, materializadas no museu. A afinidade da Marcha

com os governos de esquerda brasileiros se expressa em fotos que a ex-presidente Dilma Rousseff (Marcha de 2011) e o atual presidente Lula (Marcha de 2007) aparecem ao terem participado do evento.

Os exemplares de livros e dissertações que fazem parte da coleção do museu incluem “A mão armada do latifundiário”, de Sebastião Barbosa e a dissertação “Educação Patrimonial: Ação Educativa no Museu Casa Margarida Maria Alves – Alagoa Grande/PB”, de Gercimária Sales da Silva. Colocados como símbolos de reconhecimento de Margarida, em alguma medida também tomados como relíquias de um santuário.

Ainda nesta vitrine, temos um exemplar de ata de reunião presidida por Margarida no Sindicato dos Trabalhadores, certidões de casamento, óbito, e a carta de resposta da líder às ameaças recebidas pelo usineiro Aguinaldo Borges, meses antes do assassinato. No outro expositor localizado na outra parede do cômodo, estão algumas outras homenagens dedicadas a ela, como folhetos, um calendário, um cordel, e alguns poucos livros.

A ligação percebida entre os materiais acadêmicos lá presentes que focalizam a líder e a importância da figura que o museu pretende passar, trouxe a hipótese que se procura reivindicar Margarida enquanto assunto que dialoga com outros setores da sociedade, indo além da iniciativa cultural e unicamente histórica, encontrando respaldo, e inclusive inspirando debates existentes socialmente entre disputas de poder e jogos políticos maiores.

O último expositor deste quarto guarda uma série de fichas que eram utilizadas antigamente para o controle dos cambiteiros¹⁸ e cortadores de cana, segundo a legenda que está acima do vidro. Logo ao lado, estão penduradas facas e enxadas, aparentemente exibidos como símbolos do trabalho no campo.

Passando ao terceiro cômodo e segundo quarto, cujo acesso é através de um corredor, temos vários quadros pendurados nas paredes, com fotos de pessoas que parecem ser da família de Margarida, mas também encontramos um quadro com representações de Jesus e Maria, e um terço também pendurado. No meio do

¹⁸ Designa a função de transporte da cana-de-açúcar, antes do advento das usinas, sendo então o transporte substituído pelo trem. Os cambiteiros eram assim chamados porque realizavam o transporte da cana das plantações ao engenho sobre “cambitos”, um gancho de madeira colocado sobre os animais (ALVES, 1981).

quarto, está um expositor com utensílios domésticos diversos, como lençóis, peças de louça e um depósito de alumínio para carregar comida, que se deduz que sejam utensílios pertencentes a Margarida, já que não existem referências escritas no mostrador/expositor.

No fim do corredor e quarta divisão da pequena casa, onde parece ter sido a antiga cozinha, há o última vitrine que expõe mais exemplares e uma diversidade de matérias de jornais, nomeadamente IstoÉ, Veja, A Tarde, Jornal Fêmea, Le Monde, Folha de S. Paulo, Correio Braziliense, Jornal do Brasil e Folha Socialista. Ao lado, há um quadro que emoldura outra matéria de jornal, mas se tratando do movimento da Marcha das Margaridas¹⁹.

Figura 9: Expositor com jornais que noticiaram a morte de Margarida



Fonte: arquivo pessoal, 2023

O resto do compartimento é caracterizado por uma homenagem a uma companheira de luta de Margarida. Pintada na parte superior da parede, está a frase “só quem luta é que sabe a dor que a gente sente”, e abaixo uma foto emoldurada de Maria da Penha. Além disso, há um cartaz e um banner do evento “Margarida, 30 anos de impunidade, lutas e conquistas”, um banner de

¹⁹ Com início no ano 2000, a Marcha das Margaridas é fruto de um processo de mobilização relacionada à união com a Marcha Mundial das Mulheres. É realizada a cada quatro anos, reunindo milhares de mulheres de todo o país em Brasília para reivindicar demandas das mulheres do campo e das florestas. Para mais informações, consultar o livro *Marcha das Margaridas*, de Claudia Ferreira (2014).

apresentação e resumo da oficina realizada no museu pela dissertação de educação patrimonial, de autoria de Gercimária Sales da Silva e, por último, um quadro de avisos com folhetos, poemas e cordéis fixados. A última parte da casa é reservada à cozinha, ao quintal, e banheiros.

A disposição desses trabalhos e obras espalhados por todo o museu parecem desejar demonstrar a gama de movimentos, denúncias, produções artísticas e escritos que Margarida inspirou ao sofrer tamanha violência e silenciamento por parte da elite política e econômica do estado. A atenção é direcionada, portanto, a pessoas ou grupos ligados a movimentos sociais, intelectuais, artistas e a mídia como meio de noticiar, expor e retratar a história de Margarida de forma geral.

A exposição de trabalhos acadêmicos constitui um importante aspecto a ser melhor discutido. A trajetória de Margarida é marcada por sua luta em prol da conquista de direitos básicos, endossando em vários sentidos a defesa de direitos humanos como a educação, a moradia e o trabalho.

No corredor que dá acesso aos cômodos, distribuem-se várias fotos que registram a Marcha nas suas várias edições, contendo fotos coloridas e outras em preto e branco e o ano em que foram tiradas, com molduras de madeira e palha. Voltando à primeira sala, há um texto de descrição intitulado “Retratos da história: o caminho das Margaridas”, que remete ao livro de fotografias e vivência das mulheres na Marcha.

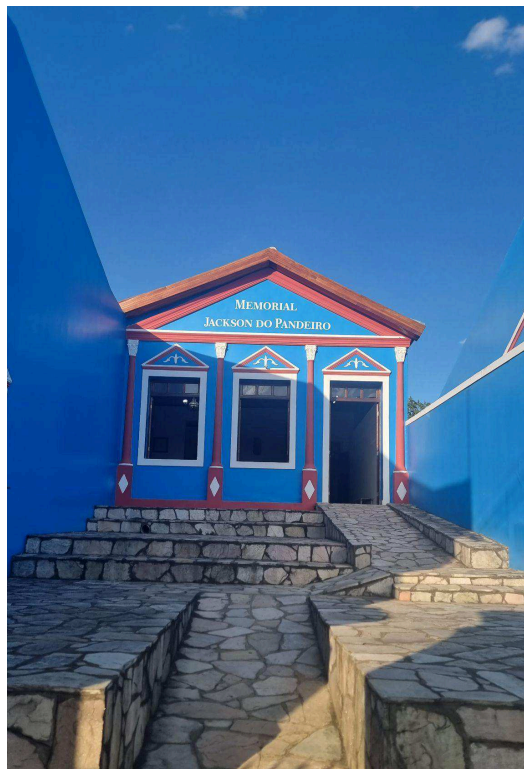
De maneira cada vez mais evidente, este trabalho se dispôs a colocar na mesa antagonismos inerentemente políticos, espinhosos e desconfortáveis, pois Margarida atinge e atravessa pessoas específicas, ilumina conflitos ainda em voga e desigualdades reproduzidas através do tempo. É por isso que algumas indeterminações permanecem, necessitando de uma pesquisa mais amplificada e que vai a fundo nos pormenores que permeiam nosso tema.

2.2. MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO

O Memorial de Jackson está localizado na Rua Dr. Apolônio Zenaide, no centro histórico tombado e preservado da cidade, em funcionamento desde 2008 por iniciativa do governo municipal. Esse centro é a marca da colonização e dos

anos de prosperidade econômica das usinas de cana de açúcar através do trabalho escravo, que se encerrou com a abolição da escravatura em 1888.

Figura 10: Fachada do Memorial Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal, 2023

As proporções da casa são grandes, com salas espaçosas, de construção moderna, bem conservada e bem iluminadas pelas grandes janelas que ficam na entrada. É um casarão grande, antigo e conservado. Diferente da origem de Jackson está situada na zona rural da cidade, nos arredores do que já foi a Usina Tanques.

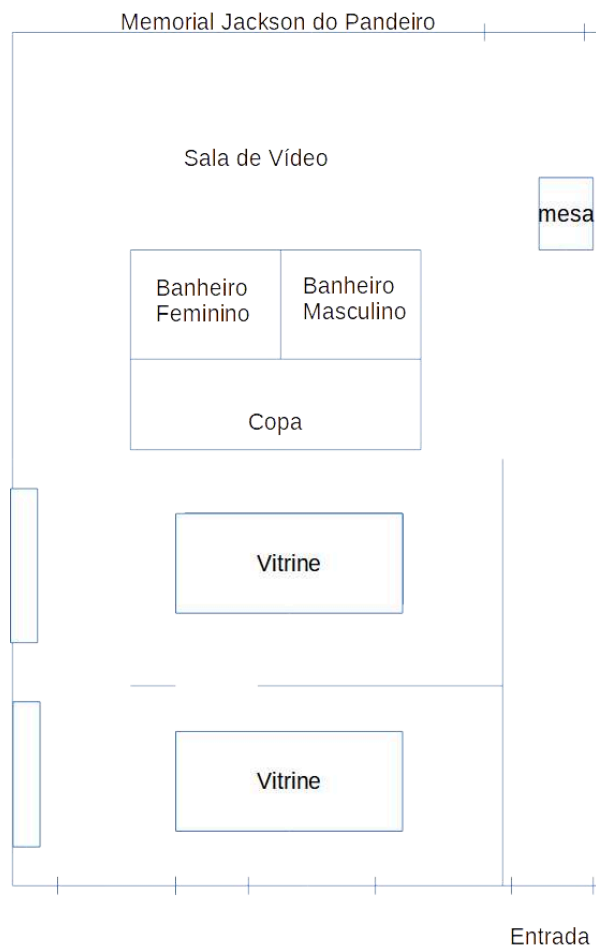
O lugar reservado à memória remete a uma valorização da origem de Jackson, que viveu na cidade até os 13 anos de idade (se mudou por causa da morte do pai, com a mãe e irmãos, para Campina Grande), juntamente com o pandeiro localizado na entrada da cidade, com o letreiro que diz “Terra de Jackson do Pandeiro”.

Através da passagem com rampas e escadas que dão acesso ao casarão, há ainda um corredor que se direciona à recepção do museu, um pequeno compartimento com o livro de assinaturas e bebedouro. Com 4 espaços diferentes (contando com o balcão de recepção), a exposição também reúne uma série de objetos representativos da carreira do artista.

Seguindo na direção do corredor, chega-se à sala com TV, que fica no fundo da casa. A sala é composta por uma televisão e cadeiras para exibição de vídeos/documentários sobre Jackson. A parede do corredor é decorada com discos de vinil lançados pelo artista, com cerca de 32 discos. Essas paredes formam as memórias mais nítidas e marcantes que possuo do museu, sempre foi algo que chamou a atenção e me marcou como uma imagem representativa do museu. Apesar da exibição do documentário²⁰ durante a exposição, não temos contato com as músicas do artista, nem de forma interativa e direta, tampouco enquanto música ambiente ou algo do tipo.

Através do corredor do outro lado e interior da casa, chega-se aos outros dois cômodos, onde estão distribuídas várias prateleiras de madeira e vidro, sendo os expositores em armários de madeira com prateleiras e portas de vidro de correr. Esse corredor é decorado com molduras de madeira com cartazes de eventos que Jackson participou, ou de homenagem a ele.

²⁰ Documentário especial da Globo News em homenagem a Jackson do Pandeiro. Programa com Chico Pinheiro.

Figura 11: Croqui do Memorial Jackson do Pandeiro

Fonte: desenho feito pelo orientador, 2023

No terceiro espaço, ficam dois expositores, um no chão e uma vitrine com prateleiras. Os objetos representam a carreira percorrida por Jackson: nas prateleiras, há uma coleção de revistas, folhetos, cordéis, fotos, livros, estatuetas, prêmios e homenagens dedicadas ao artista. Ao lado, o expositor reúne fotos coloridas e em preto e branco que indicam os parceiros e shows realizados, e registros dos primeiros anos de carreira (indicado por legendas) através de jornais, documentos como contratos e fotos.

Passando para o terceiro cômodo, a estrutura de exposição é a mesma, com expositores com fotografias, e vitrines com objetos pessoais como roupas, chapéus, instrumentos musicais, cadernos de composição, e até cartazes que remetiam à comemoração do centenário do nascimento de Jackson que aconteceu em 2019, inclusive cartazes não só da cidade, mas de outros lugares que também comemoraram essa data promovendo diversos eventos culturais e programações turísticas.

As imagens incluem a “família do pandeiro”, que parecem ser outros artistas ligados a Jackson em seu trabalho e fotos originadas de seus dois casamentos. Em dois manequins, vemos um vestido, uma calça e uma camisa de botões que já foram usados por Jackson e uma de suas esposas.

Já na última vitrine, está o violão e outros instrumentos que pertenciam a Jackson, em que a legenda indica também terem sido confeccionados e usados por ele, como o pandeiro, maracá de afoxé, gaita, e o que parece ser um caderno de composição. Além disso, vemos mais revistas, algumas fotos, e a outra parte da vitrine composta por acessórios como chapéus, vestidos, jóias como brincos e colar, camisetas ilustrando Jackson, e outro caderno com letras e notas musicais.

Figura 12: Instrumentos de Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal, 2023

Figura 13: Vestimentas e acessórios relacionados a Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal, 2023

Nas visitas, resgatei mais lembranças dos objetos ali distribuídos, remetendo a outras visitas ao museu. A partir dessas lembranças, refleti sobre a eventual mudança ou como atualização dos objetos expostos e a existência ou não de uma possível curadoria do museu. Não sendo o caso de ter existido uma atualização ou mudança da exposição desde que foi inaugurado, se coloca a questão de quem são e de onde vieram as pessoas que realizaram o trabalho de reunir os objetos do lugar.

Antes de visitar o museu de Jackson, lugar no qual as lembranças são mais nítidas e recentes, tive em mente analisar principalmente qual seria a história contada sobre a vida de Jackson e sua ligação inicial com a cidade. O que ficou claro com a pesquisa, na verdade, foi a importância que Alagoa Grande reivindica para si quando destaca a origem do artista e o sucesso alcançado por ele.

A impressão acerca de uma possível curadoria do museu é que, além de não ter mudado ou se atualizado drasticamente através dos anos, a disposição de objetos não conta exatamente como foi a vida de Jackson, ou os percalços que ele

enfrentou para se transformar no cantor de relevância e reconhecimento até os dias atuais.

Ainda com base nas considerações de Clifford (2009), a intenção por trás dessa disposição de artefatos e registros é estabelecer um percurso usual de exibição, mas que não se trata de uma progressão linear, e portanto a mensagem da exposição não depende da passagem de uma sequência a outra. Concentra-se, por sua vez, nas heranças deixadas pelo músico durante sua carreira. A quantidade de discos reunidos demonstra, por exemplo, a extensão de seu trabalho, da presença iminente de Jackson nos programas de rádio e TV e na produção de discos com colaborações importantes em seus 29 anos de carreira.

Apresentar a história/narrativa do museu conta com escolhas, focos específicos, e possibilidades de acervo e disponibilidades de objetos. Busca-se também levar em consideração as variáveis e as problemáticas que surgem disso, por se tratar de museus locais.

No texto “Museologia e contra-história: viagens pela costa noroeste dos Estados Unidos”, Clifford relata suas impressões acerca de quatro museus diferentes de artefatos indígenas na costa noroeste dos Estados Unidos, é sugerida a questão: “quais são os critérios de valor que decidem sobre a distribuição de objetos entre diferentes coleções?” (CLIFFORD, 2009, p.256). Seguindo essa linha de raciocínio, as limitações destacadas e percebidas na pesquisa, em relação aos museus, especificamente, não pretendem apenas chamar atenção para como são exibidas as coleções das figuras locais, mas também os percursos enfrentados depois da determinação e construção de um patrimônio histórico, em como ele se insere e como é tomado pelas pessoas.

Aprofundando em sua descrição comparativa de museus e suas diferentes propostas de exibição, outra passagem de James Clifford é importante e aplicável no caso do memorial de Jackson, pois “chama-se a atenção para os objetos individuais, mais do que para um contexto no qual estariam inseridos. A História está, em grande parte, ausente” (CLIFFORD, 2009, p.265). Sendo assim, as impressões resultantes da pesquisa demonstram essa falta de explicação e narrativa acerca do que o museu deseja passar para quem o visita.

2.3. LUGARES DE MEMÓRIA, LUGARES DE HISTÓRIA, LUGARES DE LUTA: ANÁLISE DE DADOS E INQUIETAÇÕES PERMANENTES

Apesar de previamente introduzido, o objetivo de analisar e comparar o museu casa e o memorial estão intimamente confrontados com a tentativa de entender como e por que a história de Margarida Alves parece ser algo distante do cotidiano dos alagoagrandenses e pensar em como poderia se falar e valorizar estas histórias em diferentes âmbitos.

Para tais fins, foi necessário problematizar os fatos históricos, as condições de funcionamento dos museus, e várias particularidades percebidas ao longo do contato com o tema que, além de apontar a falta de profundidade e consistência no tratamento da história local, mostrou as dificuldades inerentes à abordagem de um tema que não parece receber a devida atenção tanto pelas pessoas da cidade, como em outros espaços, inclusive acadêmicos.

No caso específico da figura de Margarida, as hipóteses iniciais que focalizaram a ausência de vínculo com as pessoas estão atreladas a dois fatores principais: Margarida foi uma pessoa que lutou totalmente contra o poder local que negava os direitos dos trabalhadores rurais; as tentativas de incentivo à preservação de patrimônio foram sempre elementos importados por pessoas de fora da cidade, sejam elas pesquisadores, funcionários públicos, turistas, militantes, artistas.

Enquanto pessoa local, desde o momento de percepção da importância de Margarida para os movimentos sociais, para a história política e para as questões de gênero que são inspirados por ela - que aconteceu muito tardiamente, como já mencionado -, o contraste com o esquecimento que parece dominar na cidade se tornou ainda mais evidente quando vemos o fluxo de visitas ao museu de Margarida.

O museu que faz jus ao legado da líder sindical remonta a uma tradição que já existiu na cidade de resistência e de conflitos entre classes. Descortina, assim, incongruências entre o que já aconteceu no passado e o que está se mantendo hoje, e em quais condições. O espaço dedicado à memória parece ser

algo menos pensado e reivindicado como um “projeto expográfico”, com ausência de princípios da museologia, expressando assim impressões de um santuário, um lugar de homenagem. Objetos sem aparente conexão ou explicação dispostos conjuntamente, a exemplo da garrafa de água da Marcha, nos fez questionar a lógica contida nessa coleção de artefatos que entende-se estarem ligados a Margarida.

Em contraste, destaca-se uma museologia em Jackson, com a proposição de um percurso expositivo, incluindo filmes, vitrines, fotos, discos, objetos de trabalho, objetos pessoais. A proposta geral da exposição explora o que foi a carreira dele, com um recorte dos momentos e registros da carreira bem sucedida e que se expandiu nacionalmente.

Porém, o padrão se repete no que se refere à falta de folhetos, guias, folders ou outros materiais escritos distribuído às pessoas, além de elementos gráficos e visuais que ofereçam uma narrativa de exposição, e da história que está sendo contada através da exposição. Tais elementos poderiam assim esclarecer e apontar as intenções contidas nos objetos, em suas disposições nas casas, e o que o visitante pode adquirir de conhecimento histórico, cultural, político, etc. com essa vivência. A estrutura expositiva de ambos os museus não é autoexplicativa, e não utiliza de recursos museológicos e expográficos para oferecer explicações a seus visitantes e, como resultado, necessita do trabalho dos guias e funcionários dos museus para dispor das informações importantes sobre a história e as propostas contidas nesses espaços. É justamente essa ausência de qualquer explicação que não permitiu que a pesquisa esclarecesse com maior profundidade as questões propostas neste capítulo, bem como a compreensão mais geral de como a história de Margarida é contada em Alagoa Grande.

No trabalho dos guias, o que encontramos foi uma tímida participação no percurso das exposições. Num primeiro momento, as interações foram poucas, e variaram com os funcionários que estavam presentes - há um em cada museu, e os que trabalham durante a semana não são os mesmos que tomam conta do lugar nos fins de semana. Percebe-se que, por regra, não é oferecido um guia de explicação dos elementos expostos, com uma possível exceção para as visitas em grupos que contam com uma quantidade considerável de turistas e/ou de

estudantes locais que realizam visitas periódicas ao museu²¹. Das visitas realizadas sozinha, o contato com os funcionários foi mínimo; já nas vezes que estive acompanhada, houve a coincidência de os funcionários serem pessoas conhecidas na cidade, e portanto a interação foi facilitada, situação esta que se repetiu em ambos os museus em diferentes momentos.

Por estar relacionado à música, à cultura e ao campo artístico, Jackson parece inspirar uma identificação mais fácil com a população no geral. Mesmo assim, não há uma frequência de eventos que promovam a vivência e valorização do trabalho do artista. E, ainda mais significativo, foi perceber que assim como a casa de Margarida, o memorial de Jackson recebe majoritariamente visitas de pessoas de fora, e não das pessoas locais.

No museu-casa, a impressão que ficou se concentra na necessidade do conhecimento prévio de sua história, para que assim se contextualize os registros e a importância contidos nos objetos e imagens. Este conhecimento permitiria o entendimento das condições políticas, econômicas e sociais que envolvem todo o contexto que levou ao assassinato de Margarida. No caso de Jackson, como já apontado, também percebemos a ausência do contexto que gera os objetos expostos, focalizando-os apenas de maneira individual e sem explorar outras possibilidades de contar a história.

Visto que a questão inicial que me movia - a educação e o incentivo que as crianças e jovens do município recebem na educação básica no que diz respeito à história local - levou à investigação dos museus, a análise nos levou a constatar que a organização atual não parece pensada para esses estudantes, uma vez que não há indicações de um trabalho pensado e elaborado nas exposições que ofereça um envolvimento, uma interação ou uma identificação com os objetos, obras e artefatos que compõem tanto o memorial quanto a casa.

A ligação entre a instituição museal e seus propósitos educacionais e culturais incitam a volta ao já mencionado trabalho de Silva (2019), que, situado também em Alagoa Grande, nos evidencia o horizonte da falta de incentivo e

²¹ Estas informações provêm de conversas, tanto com uma funcionária do museu de Jackson, quanto com uma professora entrevistada em um dos trabalhos anteriores à pesquisa.

identificação dos alagoandenses com os museus, e da percepção de como as visitas se concentram na variedade de pessoas cujas origens são diversas:

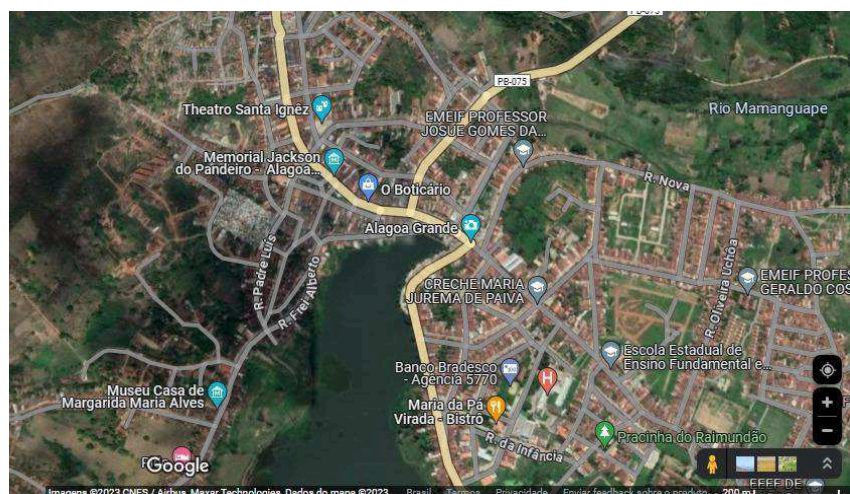
Em meio às ruas da cidade, no simples ato de ir e vir, por vezes, me deparei com grupos de pessoas que visitavam a nossa terrinha. Teve uma época que, semanalmente, um ônibus muito equipado estacionava próximo à praça central e dentro dele via-se sair um grupo de pessoas, algumas do próprio estado, outras de estados diferentes e ainda aquelas com traços e características que não eram tão comuns às nossas, as advindas de outros países. Por diversas vezes, fiquei a observá-los e percebia todo o encantamento que havia em cada olhar percorrido. Esses passeios, na sua grande maioria, eram acompanhados por um guia que os informava sobre a história local (SILVA, 2019, p.14)

A autora enxerga a notoriedade e atenção que se desejaria ter com a educação patrimonial como um possível impulso da valorização do patrimônio cultural local, não apenas nos dias da emancipação política da cidade, como também nas diferentes épocas do ano, com projetos diversos e que envolvessem toda a comunidade escolar. Em sua pesquisa, a autora procurou desmistificar a ideia de que o museu é só um depósito de coisas antigas e um lugar só para visita e contemplação:

Ao reconhecer o patrimônio cultural do município de Alagoa Grande, visualizam-se diversas possibilidades de atividades educacionais. Porém, ao aguçar o olhar às práticas que são desenvolvidas no âmbito escolar referente à Educação Patrimonial, percebe-se a ausência de um trabalho pautado na essência e no destaque merecido para essa temática no cotidiano escolar, que valorize a história local, sobretudo, o museu Casa Margarida Maria Alves (SILVA, 2019, p.18)

Um último ponto que deve ser ressaltado antes de partirmos para o próximo capítulo se refere às diferenças de localização e prestígio na disposição espacial da cidade que existe entre os dois museus. O museu-casa, santuário da memória de Margarida, se localiza numa parte da cidade muito utilizada como passagem da zona urbana para a zona rural. Uma rua composta basicamente de casas populares, onde desde sempre moram trabalhadores. Eu diria, em grande medida, que se trata de um local representativo dos menos favorecidos da cidade, neste sentido o museu-casa sem necessariamente querer, é muito pedagógico.

Figura 14: Mapa de Alagoa Grande, ilustrando os museus



Fonte: Google Maps, 2023

Em contraste, a casa escolhida para abrigar o memorial Jackson está localizada no centro histórico tombado e instituído como patrimônio material do Estado da Paraíba, sendo um casarão datado do século XIX, em meio a outros casarões antes habitados apenas pelas pessoas de prestígio social e econômico. Tendo em vista essa privilegiada projeção da memória de Jackson num centro próximo de construções como a igreja, o teatro, o prédio dos correios e a feira, que juntas formam os espaços mais importantes e antigos da cidade, deixa-se de narrar a verdadeira origem da qual Jackson e sua mãe saíram, ao viajarem para Campina Grande em busca de melhores condições de vida: a Usina Tanques.

Este capítulo buscou apresentar e discutir a ausência de referenciais e as formas buscadas para superá-la, mas ao mesmo tempo chamou atenção para outras coisas não ditas, levando novamente os rumos da pesquisa para tentativas de abordar o tema refletindo os silêncios, forçados ou não, que esta história e estas memórias trazem. A discrepância encontrada na divergência de localização, atenção e incentivo à visitação do museu de Jackson em detrimento da casa de Margarida nos leva, por fim, a pensar que a violência política e seus efeitos é um fator ainda determinante na história local, operando de forma às vezes clara, às vezes de maneira insidiosa, no cotidiano da cidade e de seus moradores.

3. ROMPENDO PACTOS COM O SILENCIAMENTO: MARGARIDA, PRESENTE!

“Medo de que, companheiros? Medo eu tenho é de passar fome. É assim a presidente do sindicato. Tenho muito medo. Mas de passar fome”

(Margarida Maria Alves)

Chegamos ao último capítulo construindo o percurso de pensar este trabalho e a pesquisa realizada, na busca por respostas às perguntas surgidas em meio à dificuldade de ter acesso à história, e de perceber por quais razões possíveis os alagoandenses não tomarem a figura de Margarida Alves como alguém importante na cidade. A história não foi feita, ela não existe? Ou não estão sabendo lidar com ela?

Como já explicitado, a dificuldade de fazer perguntas a este tema foi um aspecto constante, do começo ao fim. Além do cuidado necessário ao realizar qualquer pesquisa que envolva a exposição de pessoas e de suas falas, os acontecimentos violentos e lamentáveis que marcam a história que gostaríamos de saber melhor exige cautelas ainda maiores. Mesmo compreendendo como Margarida é lida e estudada por outras áreas e em lugares próximos e distantes, nos deparamos com as múltiplas e possíveis hipóteses para a situação de silenciamento das questões que envolvem a líder sindical local. Seria necessário um investimento maior de tempo, presença na cidade e criação de intimidade e convivência com as pessoas, para que assim se pudesse ancorar uma etnografia longa e aprofundada, acessando e interpretando as diferentes falas, gestos, valores, opiniões, memórias e conflitos que permeiam a existência de Margarida nos diferentes espaços e âmbitos sociais da cidade. Tal profundidade não foi possível neste Trabalho de Conclusão de Curso devido às exigências cotidianas dos últimos dois anos na universidade, pela minha presença em Campina Grande, a pesquisa apenas podendo ser realizada em viagens periódicas à Alagoa Grande, onde também estive visitando minha família.

As hipóteses desenvolvidas aqui envolvem o cenário analisado, no qual foram percebidas tendências simultâneas de apagamento, silenciamento e esquecimento da figura de Margarida. Com base nisto, cada capítulo procurou mais fortemente explorar os elementos que embasam tais hipóteses. Coloca-se a

interpretação de que esses três princípios não envolvem somente discussões de memória, de história ou de educação: as três coisas operam ao mesmo tempo, de forma sistemática, envolvendo questões políticas, econômicas, de poder público, e um pensamento social produto de violência que vem estabelecendo o silêncio percebido, e o evitar lidar com a história de forma geral.

A ideia de subalterno explorada por Spivak (2010) em seu livro “Pode o Subalterno Falar?”, além de propor uma reflexão sobre a prática discursiva do intelectual no contexto pós-colonial, com considerações sobre os estudos de grupos subalternos - e implicações práticas que foram importantes para pesquisa realizada -, ajuda a evidenciar que ir contra a hierarquização de temas desvenda também a discussão das violências geradas a partir disto. Além disso, Spivak examina a produção da história como uma narrativa da verdade, produzida intelectualmente com intenções definidas e específicas, reivindicando que a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser criar espaços nos quais o sujeito subalterno possa de fato falar e ser ouvido. Seu olhar crítico me inspirou e me deixou atenta às diferentes formas de subalternizar e o risco tanto de simplificar processos e reduzir as falas, principalmente das mulheres.

Particularmente a trajetória de Margarida, como expoente viva e falante que foi silenciada, numa tentativa de calá-la e fazer que outros falem dela, não podemos deixar de apontar que isso leva a um lugar subalterno e/ou esquecido que ela parece ocupar na memória dos cidadãos e nos estudos históricos locais. Também presente no silenciamento e de violência simbólica expressos pela ausência de qualquer menção, incentivo e valorização de tal pessoa e sua história de falas e lutas. Certa ignorância perante sua história - já apontada no início como primeiro vestígio pessoal das hipóteses colocadas e como motivação para ir atrás de possíveis respostas -, a falta de pesquisas sérias que reflitam criticamente a narrativa histórica fragmentada que produzem o apagamento de uma rica trajetória local, se juntam à naturalização do silenciamento de questões importantes e formam uma relação íntima que invisibiliza não só Margarida e não só Jackson, mas também qualquer consideração ou análise do que poderia ser considerado relevante para as pessoas de Alagoa Grande em relação à sua própria história.

As descobertas resultantes do processo de pesquisa foram encontradas e colhidas diversas vezes, de forma inesperada e dispersa, por elementos e menções à uma história não refletida, onde as informações sobre Margarida aparecem de modo solto, sem serem reunidas, estudadas e muito menos sistematizadas. Um exemplo disso se refere às conversas tidas nas visitas aos museus, e nas oportunidades que tive de falar com os guias dos locais, que semelhante à experiência anterior de entrevistar professoras do município, as informações apareciam em caráter fragmentário, resultante da interação e não de explicações compartilhadas. Outros indícios foram percebidos pela observação direta e indireta de objetos, registros e ausências, tais como nos livros de assinaturas dos museus onde a maioria dos visitantes eram pessoas de fora.

Porém, mesmo em relação ao que já foi escrito e demonstrado sobre o crime arquitetado e impune, o silêncio permanece. É oportuno trazer novamente a obra de Sebastião Barbosa (1984) e a descrição de como aconteceu o assassinato de Margarida, incluindo as claras intenções de silenciar sua voz e deixar uma mensagem para quem ousasse continuar com o que ela estava fazendo.

Por volta das 17h, Margarida estava na sala conversando com o esposo, e o filho estava brincando na rua perto de casa. Ela estava supostamente a debulhar grãos escorada na porta da casa. O marido estava sentado em frente à TV, de costas para a porta. Três homens estavam em um Opala vermelho, deram voltas pela rua Olinda, até que um deles, carregando um saco nas mãos, saiu do veículo e caminhou até a casa. Depois disso, “perguntou-lhe o nome e deferiu-lhe o tiro à queima roupa. O umbral da porta e as paredes da casa ficaram salpicados de sangue e pedaços de cérebro” (BARBOSA, 1984, p.81). A placa, que era falsa, caiu do veículo na hora da fuga, aparentemente. A polícia foi chamada imediatamente, mas só chegou às 18h. Nessa mesma hora, a iluminação pública entrou “em pane” e só voltou algum tempo depois. Entendemos que esse apagão, no qual não é informado o período exato que a cidade ficou no escuro, é uma demonstração de que não teria sido um crime sem nenhum planejamento. Sobre os mandantes do crime, o delegado encarregado do inquérito pela secretaria de segurança chegou a afirmar que “sabia quem eram os mandantes mas infelizmente não podia apontar” (BARBOSA, 1984, p.90).

No que se refere aos mandantes do crime, todas as evidências sinalizaram que teria sido a mando do grupo da Várzea, composto por vários proprietários de terra e políticos que já dominaram várias cidades da Paraíba no século passado. Os incentivos à concentração de terras e propriedades que gerou a expropriação e expulsão dos trabalhadores do campo foi uma herança colonial e uma iniciativa política e econômica da época, ligada diretamente ao contexto estadual, regional e nacional. A única usina de açúcar que já existiu em Alagoa Grande, chamada Usina Tanques, era de propriedade de Agnaldo Veloso Borges, que juntamente com a família dos Ribeiro Coutinho, detinham o poder político e econômico da região na aliança do Grupo da Várzea. Além da usina, Borges era dono de várias outras fazendas na cidade e em várias outras, como Pilar, Sapé e Santa Rita.

É importante destacar que os materiais e leituras procurados para entender a dinâmica desse grupo e como seu poder conseguiu operar em diferentes esferas e com tanta influência fogem de um padrão acadêmico de contar as histórias, sendo as fontes de informações confusas. Por outro lado, mencionamos a influência desse grupo para discorrer sobre as raízes geradoras do silêncio sobre Margarida, e também para apontar a perda de poder que esta família teve em Alagoa Grande, a partir da falência da usina e da morte de Agnaldo Borges, no fim dos anos 90²².

Nos anos 80, diante da comoção por investigação e julgamento, da importância dada ao crime que acometeu Margarida, e das várias manifestações que reuniram milhares de pessoas em Alagoa Grande em homenagem a Margarida, o que se esperava que a memória preservasse é expressado por Barbosa quando escreve que: “um dia, quando se for escrever a história do sindicalismo paraibano, o nome de Margarida Maria Alves, com certeza, ocupará lugar de destaque. [...] E mais: não se pode falar de Alagoa Grande, hoje, sem mencionar o nome de Margarida” (BARBOSA, 1984, p.146).

Parece que, no entanto, a não menção ao nome de Margarida quando se fala em Alagoa Grande se tornou algo comum. Por mais que se discuta hoje em dia sobre uma tendência à ausência de vínculo com as histórias e os lugares,

²² Para isso, uma introdução ao tema, mesmo que não totalmente desdobrada numa pesquisa mais profunda, favor consultar as reportagens do *Jornal União* (online) de 2021 chamada “O Dossiê Grupo da Várzea”.

principalmente nas gerações mais jovens, o chamado “pacto do silêncio” entre o feminicídio e a violência política vem se tornando um incômodo explicitamente manifestado por tais gerações. Assim, se dispõe de diversas ferramentas de denúncia e que promovem a discussão de temáticas que envolvem violências, opressões e formas de combate aos diferentes tipos de preconceitos. Por isso, há também a recusa a aceitar o silêncio como uma forma de lidar com o apagamento de pessoas, e com o considerar certas vidas menos importantes que outras.

3.1. VOZES DO SILÊNCIO

As categorias trabalhadas de memória, história e educação constituem as formas encontradas, mais suaves e cuidadosas, de tratar desse tema tão violento. Sendo assim, considero estas categorias tão sintomáticas e expressivas quanto a violência em si, por serem - no mínimo, parcialmente - resultados dela.

Em seu texto “A beleza do morto: o conceito de cultura popular” (1989), Michel de Certeau, Dominique Julia e Jacques Revel discutem a relação entre obras produzidas sobre acontecimentos históricos, a história enquanto disciplina científica e a violência no movimento de apagamento de conflitos considerados populares pela cultura erudita dominante. Desse texto, destaco a seguinte frase: “não se poderia aliás censurar uma literatura²³ por se articular numa violência (uma vez que é sempre esse o caso), mas por não a confessar” (CERTEAU, JULIA & REVEL, 1989, p.72). O sentido que aqui se pretende instrumentalizar a frase é justamente de trazer à tona o não tratamento da violência, e o papel de estudos críticos que atentem com profundidade a história de Margarida e as implicações encadeadas do pacto do silêncio.

Além disso, eles também afirmam que “a violência política explica a eliminação da violência no estudo dos particularismos, do mundo campesino, ou da cultura popular” (CERTEAU, JULIA & REVEL, 1989, p.72). Em Alagoa Grande, evidenciamos a impressão de estudar uma memória que não pode existir por causa da violência que não aparenta poder ser tematizada.

Já Michael Pollak representa o aporte teórico que nos ajuda a discutir os parâmetros e perspectivas que envolvem as disputas de memória em sociedade,

²³ Por “literatura”, entende-se uma literatura especificamente científica.

bem como seu processo de construção. Em seu texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989), o autor alude à análise de lembranças tidas ou expressas como proibidas ou indizíveis pelas pessoas, sendo possível compreender e utilizar essas ideias para entender o tratamento do silêncio que marca a figura de Margarida:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p.3).

Tendo como base de análise a ideia de um passado que permanece mudo como uma forma de lidar com a memória segundo as possibilidades de comunicação, ou seja, o silêncio como um produto das condições ou da inexistência de condições de confrontá-lo, a questão colocada das circunstâncias que limitam Margarida a uma figura subalterna em Alagoa Grande remetem a uma ordem social supostamente estabelecida, em que “a vontade de esquecer os traumatismos do passado frequentemente surge em resposta à comemoração de acontecimentos dilaceradores” (POLLAK, 1989, p.14).

Quando falamos do silêncio sobre a memória de Margarida e intencionamos em alguma medida focalizar os meios que o instituem, está implícita também a possibilidade dos “não ditos” serem mantidos por estruturas de poder que mantém certas repressões com aqueles que abertamente dão nomes aos incômodos:

[...] Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989, p.6).

Por outro lado, a memória toma dimensões que vão além de conflitos por espaços na dinâmica social e na reivindicação de narrativas. Ainda de acordo com Pollak, as interpretações do passado inspiram e se relacionam com a sensação de pertencimento, com a identificação perante símbolos sociais e com a construção

das coletividades. No texto intitulado “Memória e identidade social”, o autor aborda a interdependência entre a memória individual e a memória dos outros, afirmando que as disputas contidas nessa troca envolvem as diferentes identidades que opõem grupos sociais e políticos (POLLAK, 1992, p.5).

Nas disputas pelos discursos dominantes que estabelecem o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido em cada lugar, a proeminência de silêncios acerca de certas feridas e acontecimentos pode levar à fácil e falsa confusão de que esse silêncio significa - necessariamente - esquecimento. Porém, por sua vez, ele também pode ser um “modo de gestão da identidade” e da necessidade de adaptação às exigências do círculo social, possibilidades essas argumentadas em “A questão do indizível” (2010), novamente com autoria de Pollak (POLLAK, 2010, p.46).

Em Margarida, o esquecimento apontado na pesquisa através da sua história mal contada, do museu pouco visitado e pensado para as pessoas da cidade acontece, nos limites deste trabalho, simultaneamente ao silenciamento da luta travada pela líder em prol dos direitos dos trabalhadores, que resultou na sua morte. Porém, é imprescindível lembrar que nem o esquecimento nem o silenciamento são coisas definitivas, estáticas e livres de resistências por parte dos diferentes indivíduos e coletividades. As histórias e memórias, segundo Pollak, devem ser sempre relacionadas aos locais onde elas foram produzidas, assim como aos públicos que elas se destinam, caracterizam e definem. A memória, assim, é politizada, colocada em posição de construção de coletividades, e não apenas algo que indivíduos isolados podem vir ou não a nutrir e compartilhar.

Falar de uma construção social da memória implica certos pressupostos, a exemplo de esperar a memória de certos acontecimentos, e um dever de esquecimento perante outros. Então, podemos nos questionar: como isso é definido? A memória de Margarida chama a atenção para o tipo de acontecimento que está querendo ser esquecido. Um acontecimento de violência e injustiça extremas, que envolve estruturas de poder ainda operantes no nosso país. Por que isso deve ser esquecido?

O controle da memória de uma sociedade condiciona a hierarquia do poder e como esse poder opera, segundo Paul Connerton em “Como as Sociedades Recordam” (1999). Isto porque a nossa experiência do presente é condicionada pelo nosso conhecimento do passado, e de como, enquanto sociedade, os significados e ações relacionadas à memória são incorporados e reconhecidos enquanto valiosos e importantes. A memória social estabelece entre as pessoas formas de compartilhar experiências, opiniões e referências diversas, a exemplo das memórias e valores exclusivos de cada geração. Portanto, seja qualquer tipo de memória, ela precisa ser incorporada e interpretada pelos indivíduos e grupos que se apropriam dela coletivamente (CONNERTON, 1999).

Outro aspecto mencionado se refere à afirmação de que “uma memória historicamente controlada opõe-se a uma memória tradicional não reflexiva” (CONNERTON, 1999, p.18), destacando tanto o controle exercido sob a reconstituição histórica, quanto a falta de reflexão crítica da memória e do que é considerado tradicional, os quais dificultam a análise de questões que são importantes para o estudo e para a compreensão de ambas, como no caso das narrativas históricas fragmentadas sobre Margarida, e o quanto a falta de valorização de sua memória implica uma série de contrastes com o que é feito na cidade afora. Para reivindicar a memória, parece que devemos reivindicar a história. Mas para reivindicar a história, precisamos também reivindicar as raízes políticas de todas essas ausências.

3.2. SEMENTES DE LUTA

As lacunas que foram sendo preenchidas com a pesquisa não impediram que outras fossem criadas e que permanecessem abertas, tendo em vista os limites deste trabalho. Enquanto retorno à sociedade, nossa discussão pretende ser fonte de reflexão sobre o que a cidade pode fazer para lidar com seus fantasmas, omissões e recusa em valorizar a própria história. Porém, tal intervenção não configura um endeusamento ou supervalorização dos personagens tomados como importantes. Pretende tão somente promover certa percepção das possibilidades de criação de atributos à história e suas heranças, de envolvimento da população

com os lugares de memória, e de uma educação voltada a projetos pensados para o benefício das futuras gerações em preservar e manter os registros do passado, gerando conexões e trocas com a variedade de pessoas que prestigiam tais iniciativas, a partir das atividades de turismo.

Apesar de crer que o princípio da pretensa neutralidade científica não tenha aparecido em nenhum parágrafo ou frase desse trabalho, desde a construção inicial do tema até as escolhas metodológicas de pesquisa e análise de dados e referenciais, é pertinente destacar que esta não neutralidade foi um instrumento utilizado sistematicamente para a dolorosa tentativa de entender como a história de Margarida sobrevive em Alagoa Grande, de maneira a sentir as nuances e sensibilidades que essa figura inspira em todos os lugares e pessoas que alcança. Além disso, o sentimento de revolta diante da impunidade, da falta de ligação das pessoas locais com uma figura tão difundida, tomada em diversos lugares como exemplo e símbolo de lutas importantes foi outro mecanismo utilizado para continuar indo atrás do que eu acreditei que precisava fazer, e para materializar de alguma forma a intenção de ser participante em movimentos que busquem clamar o nome de Margarida e sua história, em meio a tantos outros nomes e histórias igualmente inspiradoras, que fazem o Brasil uma terra de desiguais, porém resistentes. Com que objetivo? Preparar o terreno para oportunizar a escuta aproximada e aprofundada desse silêncio localizado em um lugar familiar e específico.

Ocupar uma visão de lugar vencido, atrasado, que não mais prospera e que não passa por mudanças, sejam elas econômicas ou sociais. Este parece ser o pensamento que Alagoa Grande vem cultivando sobre sua história e trajetória. No que se refere a Margarida Alves, não podemos deixar de refletir que a subalternidade de sua história passa por sentimentos e atos de repressão e violência, condicionando um processo de silenciamento que parece ter se acentuado ao passar dos anos.

Isso pode ser explicado pelas categorias de violência política e feminicídio político, já mencionadas anteriormente. Não busca-se com isso realizar uma análise anacrônica de um passado cuja realidade não incluía tais elementos, e sim reunir evidências de que o assassinato de Margarida, figura que foi marcada para

morrer por um crime encomendado, volta a bater na nossa porta quando falamos, por exemplo, do caso Marielle Franco, que reúne não poucas semelhanças com o que aconteceu com Margarida, 35 anos antes. Por coincidência ou não, a mãe de Anielle Franco, atual Ministra da Igualdade Social, e de Marielle Franco, Marinete da Silva, é natural de Alagoa Grande, e visitou a cidade e o museu de Margarida, no mês de outubro de 2023²⁴.

O não fechamento dos ciclos de violência contra mulheres, no âmbito da política brasileira (porém, claro, não só nele), reverbera, se reproduz e se institucionaliza de formas diversas que precisam ser melhor investigadas, principalmente quando tratamos, nos dois nomes citados, de mulheres pretas e de origem pobre e periférica. O silenciamento enquanto uma violência simbólica tem raízes no pensamento social colonial, em que o poder econômico e político garantem de forma material e subjetiva (ou seja, livre de julgamentos) a impunidade por crimes àqueles que estão inseridos dentro da estrutura hierarquizada e opressora.

Em contrapartida, durante a pesquisa, vários eventos importantes aconteceram em relação a Margarida Alves em Alagoa Grande. Felizmente, tais eventos configuram possíveis indícios atuais de resistência ao esquecimento de suas heranças. Por impossibilidade de estar na cidade e acompanhar pessoalmente como as coisas sucederam, as redes sociais foram a fonte de conhecimento e acompanhamento da Semana Pedagógica Margarida Maria Alves, organizada e realizada no mês de agosto - mês de aniversário de nascimento e morte da líder - por iniciativa do Movimento das Mulheres Paraibanas na Política, com atividades diversas²⁵.

²⁴ Post do Instagram do MMT que registra a visita de Marinete da Silva a Alagoa Grande: [Hoje, o Movimento das Mulheres Paraibanas na Política, teve a honra de receber em Alagoa Grande, Dona Marinete, Mãe da nossa Ministra... | Instagram](#). Acesso em: 26/11/23.

²⁵ Post do Instagram do MMT que detalha a programação do evento: “O Movimento das Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT) realizou a Semana pedagógica Margarida Alves. O evento teve início dia 21 e seguiu até o dia 27 deste mês, com atividades nas escolas, na Casa Museu Margarida Maria Alves e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande. Com uma forte presença e participação dos professores do município foi possível estudar a biografia de Margarida, realizar sarau poético e cultural, levar contação de história para as crianças e assistir a documentários que trazem a história de sua luta, assim como ampliar o debate através de rodas de conversas.

No sábado a feira pública e o centro da cidade foram tomados pela força do ritmo, cores e ancestralidade das cirandeiras do Quilombo Caiana dos Crioulos. Teve ciranda e coco de roda no coreto da praça. E a noite foi de celebração aos seus 90 anos, com apresentação do espetáculo “Margarida Viva”, no Teatro Santa Ignez e show com a cantora paraibana Renata Arruda.

Houve também em agosto uma Sessão Especial em homenagem aos 90 anos de Margarida, ocorrida na Câmara Municipal de Vereadores de Alagoa Grande; em Brasília, nos dias 15 e 16 de agosto, a Marcha das Margaridas, tendo como resultado a entrada de Margarida na lista de heroínas da pátria pela sanção do Projeto de Lei pelo presidente Lula²⁶.

À vista disso, inspirada pelas reflexões de Durval Muniz em “A Invenção do Nordeste” (2012), ao tratar sobre os discursos e imagens de subalternidade que são comumente associados à região nordeste, e de como esses elementos são frutos de uma invenção social que envolve também âmbitos políticos e econômicos, proponho que pensemos, no caso da memória de Margarida e da história alagoagrândense que não é contada, por que nos colocamos como vítimas, colonizados? Como reproduzimos pelas práticas discursivas e educacionais o dispositivo de poder que nos coloca nesse lugar subalterno e que não permite que falemos e tratemos da nossa própria história? Por que aceitamos esse lugar? Para além de atribuir a culpa aos outros, é importante reconhecer que também somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração.

Com bell hooks, em “Ensinando a Transgredir: a prática da educação como liberdade”, aprendi sobre o poder contido na afetação pela experiência e pela reflexividade. O desafio a ser assumido é partilhar a experiência sem ser essencialista e de forma crítica, fortalecendo a política de identidade enquanto resistência, validando o conhecimento baseado na experiência, levando em consideração o lugar de fala e as complexidades implicadas nessa discussão. Para ela, o caminho está na união do olhar analítico com a experiência vivida (HOOKS, 2013).

Esta iniciativa configura aqui uma resistência à simplificação da história e, ao mesmo tempo, o reivindicar por uma consciência crítica da mesma. As

Já no domingo, mulheres e homens do campo, da cidade, de vários movimentos sociais, organizações, associações, sindicatos e representantes políticos marcharam saindo da Casa onde morou e morreu Margarida Alves até a Igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, onde foi celebrada missa em sua homenagem”.

Por último, aconteceu uma solenidade com apresentação da violeira Soledade em frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande.” Disponível em: [#repost MARGARIDA MARIA ALVES. HEROÍNA DA PÁTRIA. UM LEGADO DE LUTA E CORAGEM Alagoa Grande “Margarideceu”, no último final de semana... | Instagram](#). Acesso em: 26/11/23.

²⁶ [Presidente sanciona lei que inscreve Margarida Alves no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria — Planalto \(www.gov.br\)](#)

considerações de hooks nos levam, enfim, a buscar um ensino da história a fim de romper quaisquer pactos que tenham sido feitos com certos e incômodos silêncios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar no fim, voltamos ao início. O começo deste tema que, para se desenvolver, se movimentou na busca de uma construção de intimidade, uma abertura para o não dito, e uma observação cuidadosa sobre o que as pessoas podem ter e/ou gostariam de dizer sobre Margarida e sobre Alagoa Grande. As descobertas, hipóteses e informações são agora entendidas como uma colcha de retalhos que cobre e guarda a memória que buscamos desvendar e tirar do escuro.

Ao fazer da história algo sempre muito distante da realidade e do cotidiano, percebemos como os moradores da cidade acabam reforçando uma certa síndrome de vira-lata que foi demonstrada (ou teve a intenção de ser) durante o caminho da pesquisa. Quando não se considera socialmente a história local como importante e como fonte de conhecimento para as diferentes gerações que coexistem num mesmo espaço, vemos que moradores da Alagoa Grande tem um jeito de lidar com a história e com um patrimônio que lá existe - jeito esse que demonstra uma ausência de iniciativas e dificuldades de manutenção de lugares e heranças diversos -, que ainda encontra formas de se manter, mas que não tem sido utilizado para emancipar e para engrandecer sua imagem.

Aqui, não há separação entre antropologia e história. O que há são narrativas e fenômenos sociais sendo consideradas em sua trajetória, incoerência e fragmentação. Espera-se que esse estudo situado em um lugar específico possa, por extensão, ser instrumento para pensar as histórias locais como um todo, bem como o papel da produção científica acadêmica, a exemplo da UFCG e em particular o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, de legitimar o retorno que os estudantes e pesquisadores provenientes das cidades tanto circunvizinhas quanto distantes de Campina Grande, ou até mesmo de outros estados, podem oferecer quando manifestam o desejo de mergulhar em suas origens para produzir um conhecimento que conta com um lugar de fala expresso e objetivado.

Acreditamos ter demonstrado as formas encontradas de reunir evidências que confirmam, no espaço-tempo que limita este trabalho, a hipótese de que a figura de Margarida Alves não possui o devido reconhecimento no cotidiano dos espaços e conversas na cidade de Alagoa Grande, sendo em contraste uma pessoa dotada de

importância primordialmente nos espaços acadêmico, político, histórico e de militância nacional.

Isso nos liga a possíveis questionamentos que envolvem, por sua vez, as formas que são reconhecidas, mantidas e valorizadas as figuras históricas nos contextos locais dos diferentes cantos do Brasil. Apresentando um panorama específico e localizado, espera-se que seja possível expandir tal análise e percepções para outros contextos e figuras, fomentando estudos que busquem demonstrar teórica e empiricamente as configurações que marcam os fenômenos relacionados à construção social das histórias, da memória e do patrimônio.

No que se refere ao esforço da escrita e construção de uma narrativa coerente, que é marcada por diversos encontros e desencontros com o tema, buscamos seguir certa ordem e lógica que desse conta de explicitar e fazer entender as questões exploradas durante a pesquisa, sendo algumas percepções fruto do envolvimento inicial com o tema de Margarida Alves, e outras sendo resultado de aprofundamento nas perspectivas que a envolvem, seja direta, como no caso da literatura que trata de sua vida e trajetória, ou indiretamente, referente aos textos da antropologia e sociologia, cujos insights e apontamentos deram corpo e direção às observações e questões provenientes da relação Margarida Alves-Alagoa Grande.

O jogo de experimentos que conferiu resultado às metodologias utilizadas confere novamente esse esforço de compreender como Margarida Alves é vista e falada em sua cidade, 40 anos após seu assassinato. A permanência e continuidade de várias perguntas colocadas ao longo do trabalho esteve relacionada às limitações de produzir a investigação através do contato direto com os alagoagrandenses e o que estes poderiam expressar sobre a líder sindical. Nas limitações da pesquisa, descobrimos mais coisas simplesmente observando - os silêncios das pessoas, os lugares da cidade, as ausências de menções a Margarida nos veículos de comunicação locais e a baixa frequência de visitas ao museu pelos moradores da cidade - do que tentando obter informações diretas das pessoas, seja através de um discurso isolado em conversas informais, ou até mesmo pela história local que é contada nas escolas do município.

As conclusões que foi possível alcançar neste trabalho são fruto, principalmente, da trajetória de pesquisa percorrida e aqui descrita, e dos percalços enfrentados para trabalhar com um tema que demonstrou ser difícil, e talvez por isso ainda pouco

estudado à luz da sociologia e da antropologia. Demonstra, também, o processo de pesquisa que levou a pesquisadora a enfrentar as dificuldades do trabalho, bem como de uma estudante de graduação que nutriu o desejo de construir a autoria de um texto cuja realidade é próxima, mas pouco discutida.

Em cada capítulo, tivemos a apresentação das etapas de pesquisa e de como percebemos o movimento de apagamento, esquecimento e silenciamento da figura de Margarida Alves em Alagoa Grande, bem como os indícios percebidos diante de tal cenário. Primeiramente, a revisão bibliográfica indica a forma encontrada de tentar percorrer o que se conhecia da vida e atuação da líder sindical, das questões que inspiram trabalhos e pesquisas relacionados a ela, e de buscar respaldos a questões pelas quais este trabalho se inspirou e buscou responder, ou, ao menos, indicar.

Em segundo lugar, analisar os museus trouxe que esses espaços estão sendo vistos como algo para as pessoas de fora, e não para os cidadãos alagoa-grandenses, e que a expografia e recursos que constroem os sentidos das exposições dos museus reforçam essa história mal contada, dividida e esquecida. Além disso, as observações feitas e conversas envolvendo professoras do município buscaram entender o papel que o âmbito educacional cumpre (ou não) ao passar adiante essa história local, tendo em vista a potencialidade de posteriores pesquisas com enfoque nesse âmbito.

Acerca do silenciamento e da violência que envolve nossa discussão, fomos condicionados a tratar da figura de Margarida Alves em Alagoa Grande na pesquisa de forma mais discreta. Nas discussões que envolvem o terceiro capítulo, chegamos até a questionar se seria de fato apropriado utilizar o termo do silenciamento e o conceito de violência política, pois, ao nomear e relacionar os fenômenos observados a tais entendimentos, coloca-se uma bagagem de seriedade que deve ser tratada com prudência, tanto para não utilizar de termos gerais com grandes implicações envolvendo âmbitos institucionais e políticos, quanto para não chamar atenção para o tema de uma forma polêmica, bem como para a própria segurança da pesquisadora tratando de um tema que envolve violência e repressão direta e indireta.

Porém, não pudemos deixar de lado as barreiras que impedem a manutenção do legado da líder na cidade. Acumulamos demonstrações do silenciamento e apagamento que, ao serem partes constituintes do trabalho, ditam toda a dinâmica da história de

Margarida Alves em Alagoa Grande. Ao trabalhar primordialmente com diversas perguntas, nos colocamos diante do risco de não conseguir responder todas as questões tendo em vista o necessário processo de aproximação e abertura com o campo. Entretanto, além de inspirar questões que podem ser mais profundamente investigadas no tocante à Margarida Alves, essa maneira de tratar o tema permite igualmente expor as formas encontradas de compreender os fatores e circunstâncias que permeiam a nossa hipótese da construção de uma figura histórica marcada pelo esquecimento, apagamento e silenciamento.

A ligação entre a história de Margarida Alves e Marielle Franco, colocada no terceiro e último capítulo, não apenas aponta a continuidade de um padrão que se reproduz no nosso país, a saber, a violência política de gênero, como também reconhece a impunidade, a recorrência e as semelhanças encontradas nas trajetórias dessas mulheres ao pagarem com suas vidas a representatividade que construíram ao lutarem por direitos de minorias, tendo ambas origem periférica, preta e pobre. A partir dessa associação, vemos a necessidade iminente de chamar atenção para o combate às diversas formas de violência contra as mulheres que ocupam espaços de poder, além de unir esforços para a criação de mecanismos e políticas públicas que sejam capazes de punir apropriadamente violências desse tipo, além de evitar que essas manifestações cresçam e continuem a ser naturalizadas.

Ao tratar tanto da Margarida Alves do passado, em sua trajetória e nos resultados de seu legado enquanto líder reconhecida no país, quanto da Margarida Alves do presente, em como sua história é contada na cidade natal, como seu museu é vivenciado e os discursos que envolvem a construção de sua figura, outros tópicos são inspirados a partir deste diálogo: movimentos de mulheres relacionados à pauta agrária e sindical, ao feminismo e questões de raça, classe e gênero, aos direitos humanos e trabalhistas, demonstrado principalmente através da Marcha das Margaridas. Essa união de mulheres que se organizam para lutar em prol de pautas interseccionais envolvendo vários setores e movimentos sociais é imprescindível para o peso que o nome Margarida Alves carrega. Além disso, enquanto atuante na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tivemos por parte da líder a defesa ao direito à educação para todos, ao exercício da cidadania e da democracia, bem como a luta por conquistar direitos que combatam desigualdades sociais.

Como 2023 foi um ano marcado por mais uma edição da Marcha, buscamos observar as possíveis manifestações que Alagoa Grande indicaria sobre o evento, a exemplo da forma de noticiar tamanha concentração de pessoas na capital política do país, sendo também um movimento com origem e ligação à Marcha Mundial das Mulheres, mas que carrega o nome da líder nascida e criada no interior da Paraíba.

A proeminência dessa temática no âmbito acadêmico apresenta particularidades que precisam ser melhor discutidas e colocadas em prática, a exemplo das produções que contam a trajetória percorrida por Margarida Alves. A forma fragmentada e dispersa que encontramos os trabalhos - artigos, teses, dissertações e livros - relacionados a Margarida Alves confere uma dispersão de temáticas que poderiam ser melhor catalogadas, definidas e divulgadas enquanto conhecimento científico pelas organizações que têm Margarida enquanto figura representativa de movimentos, estudos e pesquisas.

Ademais, a forma como as cidades interioranas lidam com sua história parece ter a ver com o grau de importância dado pela sociedade em geral aos lugares menores. Não parece haver na história contada e ensinada um lugar significativo para se abordar as histórias locais, um desafio a ser enfrentado por todos nós se quisermos ter uma história mais abrangente, diversa e inclusiva.

A procura por formas possíveis de trabalhar essas histórias pensando na licenciatura e no processo educativo da cidade continua, e tem a intenção de contar com artifícios mais rebuscados, aprofundados e elaborados de escuta, observação e propostas de intervenção que combatam o desconhecimento, o apagamento e o silenciamento da figura de Margarida Alves.

Dentro dos limites do trabalho, tentamos ao máximo acessar o entendimento que as pessoas locais podem vir a ter sobre a história e sobre Margarida, utilizando de diversos recursos que se mostraram como alternativas às dificuldades de tocar no assunto, seja na escola, no museu, nos ciclos familiares, na vida cotidiana, e também nas produções acadêmicas.

Pensando como fechamento momentâneo, acho importante enunciar que existe o desejo de continuar estudando as ideias desenvolvidas e categorias de análise utilizadas no processo de compreensão da construção da história de Margarida. Apesar desta

história se passar, em grande parte, na cidade em que fui criada, levando em consideração as afetações ligadas à proximidade e familiaridade, muitas dificuldades se colocaram em um campo de pesquisa fechado em si mesmo. Intencionalmente pontuo, enfim, que o fato de ser da cidade e conhecer pessoas, até o momento, não me permitiu ter um acesso mais fácil às diferentes dimensões da história, das memórias e da própria Margarida. Este trabalho é entendido como desafio colocado que pretendo seguir enfrentando, para melhor compreender estes processos que envolvem as falas, os silêncios; as lembranças, os esquecimentos; as memórias, as histórias e as formas de contar ou não essas trajetórias femininas que atravessaram e atravessam aqueles que sobre isso resolvem pesquisar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Ieda Maria. *O vocabulário da cana-de-açúcar nas obras de José Lins do Rego*. Alfa, São Paulo, 5-14, 1981.

ANDRADE, Manuel Correia de. “As tentativas de organização das massas rurais - as ligas camponesas e a sindicalização dos trabalhadores do campo (1963)” (p. 73-85) in: *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas, V.1*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto. “Patrimônio cultural” in: *Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Antonio Carlos de Souza Lima (coord. geral). Brasília: Nova Letra, 2012. p. 110.121.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1985.

BARBOSA, Sebastião. *A mão armada do latifundiário: quantos ainda morrerão?* João Pessoa: A União Cia. Editora, 1984.

CLIFFORD, James. “Museologia e Contra-História: viagens pela Costa Noroeste dos Estados Unidos” in: *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

COMAROFF, Jean & Joan L. COMAROFF. “Etnografia e Imaginação Histórica” in *PROA Revista Antropologia e Arte N. 2*. Campinas, Unicamp, 2010.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Celta Editora, 1999.

FERNANDES, Bernardo; MEDEIROS, Leonilde; PAULILO, Maria. *O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. *A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo rural*. Tese de doutorado. João Pessoa, 2010.

_____. *Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FREIRE, José Avelar. *Alagoa Grande: sua história de 1625 a 2000*. João Pessoa: A União, 2002.

GARCIA JR., Afrânio. *O sul: o caminho do roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo/Brasília, Editora Marco Zero/MCT-CNPq, 1989.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas - A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia Moderna” in: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo, Editora UNESP, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo S. “O patrimônio como categoria de pensamento. In: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos” in: *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

JULIÃO, Francisco. “Que são as ligas camponesas? (1962)” (p.271-297) in: *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas, V.1*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. *Cambão: A face oculta do Brasil*. Recife, Edições Bagaço, 2013.

JÚNIOR, José do Nascimento. “Apresentação” in: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º. 31*, Rio de Janeiro, Instituto Patrimônio Artístico Histórico Nacional, 2005.

LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2ª ed., 1978.

MARTINS, José de Souza. “Apresentação” (p.9-19); “Os camponeses e a política no Brasil” (p.21-102) in: *Os camponeses a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *O nosso governo: os ticunas e o regime tutelar*. São Paulo/Brasília, Editora Marco Zero/MCT-CNPq, 1988.

PALMEIRA, Moacir. “Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana” (p.171-200) in *O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. “Casa e Trabalho: Nota sobre as relações sociais na *plantation* tradicional (1977) (p.203-215) in *O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” in: *Estudos Históricos vol. 2, n.º 3*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1989.

_____. “Memória e identidade social” in: *Estudos Históricos vol. 5, n.º 10*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

_____. “A questão do indizível” in: *Webmosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall V.2, n.1 (jan-jun)*. Porto Alegre, Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2010.

PRICE, Sally. “Higienização da cultura: poder e produção de exposições museológicas” in LIMA FILHO, Manuel, Regina ABREU & Renato ATHIAS (org.) *Museus e Atores Sociais: perspectivas antropológicas*. Recife/Brasília, Ed.UFPE/ABA, 2016.

REVEL, Jacques, Dominique JULIA e Michel de CERTEAU. “A beleza do morto: o conceito de cultura popular” (p.49-75) in Revel, Jacques (org.) *A invenção da Sociedade*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1989.

ROCHA, Rodrigo Vieira. *A Paraíba nos laços da ditadura militar: história e historiografia contemporânea*. Trabalho de Conclusão de Curso. Campina Grande, 2018.

SIGAUD, Lygia. “A luta de classes em dois atos: notas sobre um ciclo de greves” (p. 287-305) in *O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980*. Brasília, DF. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. “A morte do caboclo: um exercício sobre sistemas classificatórios” (p.1-29) in *Boletim do Museu Nacional, nº 30*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Série, 1978.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Ditadura militar no Brasil: a vez e a voz dos perseguidos*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

SILVA, Gercimária Sales da. *Educação Patrimonial: Ação Educativa no museu Casa Margarida Maria Alves - Alagoa Grande/PB*. Dissertação de mestrado. Campina Grande, 2019.

SILVA, Maria Claudia Ferreira Da. *Marcha das Margaridas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SILVA NETO, Pedro Manoel de Souza. *Pelas rotas de Margarida(s): uma caminhada sociológica-política com defensores e defensoras de direitos humanos na Paraíba*. Trabalho de conclusão de curso. Campina Grande, 2022.

RIBEIRO, Genes Duarte. “Alagoa Grande-PB: Uma cidade de jeito (quase) brejeiro”. in: SOUZA, José Clarindo (Org.). *História dos Municípios Paraibanos, volume III*. Campina Grande: EDUFCG, 2013. p.15-27.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2010.

WOLF, Eric. “Prefácio (1997)”, “Prefácio (1982)” e “Introdução” in *A Europa e os Povos sem história*. São Paulo, EDUSP, 2005.